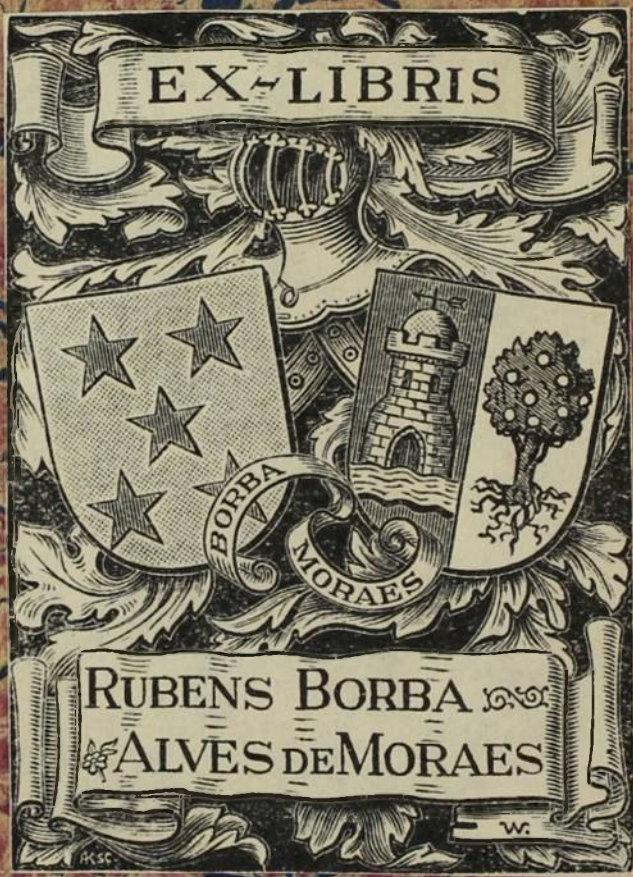
EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

POESIAS AVULSAS

DE

AMÉRICO ELYSIO.

POESIAS

AVULSAS

DE

AMÉRICO ELYSIO.

Se não me hé dado remontar seguro
Ao álcaçar sublime da Memoria,
Ao menos não submerge o esquecimento
O meu nome de todo; e venturoso,
Pelas gentiz Camenas bafejado,
Sobre as ondas do tempo hirá boiando.

BORDEOS.

1825.

DEDICATORIA.

Leitor Brazileiro, costumavão os Gregos e Romanos do bom tempo velho dedicar suas obras á seus naturaes e amigos; porque a adulação e o interesse não aviltavão então as lettras e as sciencias. Os Grandes e os mimozos da fortuna, á cujas abas se acoitão hoje os peralvilhos Litterarios, se não tinhão verdadeiro merito, nem recebião, nem pagavão louvores mentirozos. Maz se no meio da vileza e corrupção moderna não pode o escriptor honrado obstar, que escravos lizongeiros não enxovalhem com inepcias e baixezas a razão e as boas artes, pelo menos deve alçar a voz em seus escriptos para atacar o crime e ridiculizar o vicio, para instruir e ennobrecer a humanidade; e quando o inspira Apollo, deve então com a musa animar a virtude, e deleitar

o coração. Que eu seja teu amigo, algúas provas ja tenho disto dado; e para tas continuar á dar no meu desterro, onde as circunstancias me não permittem mais por ora, ouzo offerecer-te estes poucos e desvairados versos. — *Farpados restos do traquete roto*: que me ficarão de incendios e roubos successivos, que de todos os outros derão cabo. Fui nelles assaz parco em *rimas*, porque a nossa bella lingua, [illegible] como a ingleza, hespanhola e italiana, não preciza, absolutamente falando, do *zum-zum* dos consoantes para fixar a attenção e deleitar o ouvido; basta-lhe o metro e rithmo: e quanto á monotonica regularidade das estanças, que seguem á risca francezes e italianos, della as vezes me apartei de proposito, usando da mesma soltura e liberdade, que vi novamente praticadas por hum *Scott* e hum *Biron*, cisnes da Inglaterra. Devo prevenir-te tambem, para descargo de minha consciencia, que se d'antemão não tiveres saborcado as poesias, que fazem a parte *æstethica* da antiga

Collecção hebraica, á que damos hoje o nome de antigo Testamento; ou folheado as composições gregas e latinas, que nos restão; ou pelo menos os cantos da soberba Albion, e da Germania culta, certo não acharás o menor sabor e pico nos que ora te offereço. Quem folgar de *Marinismos* e *Gongorismos*, ou de *Pedrinhas no fundo do ribeiro*, dos versejadores nacionaes de freiras e casquilhos, fuja desta mingoada rhapsodia, como de fe amarella. Deos te ajude.

Bordeos, 27 de Fevereiro de 1825.

Amérigo Elysio.

POESIAS AVULSAS.

ODE

A' POESIA

Em 1785.

Não os que enchendo vão pompozos nos
Da Adulação abboca;
Nem canto Tigres, nem ensino á Feras
As garras afiar, e o agudo dente:
Minha Musa orgulhoza
Nunca aprendeo a envernizar horrores.

Genio da inculta Patria, se me inspiras
Acceso Estro divino,
Os porfidos luzentes não mo roubão,
Nem ferrugentas malhas, que deixarão
Velhos avôs cruentos:
Canto a Virtude quando as cordas furo.

Graças ás nove Jrmãas! meus livres cantos
São filhos meus e seus!
A lauta meza de baixela d'ouro,
Onde fumegão siculos manjares,
Do vulgo vil negaça,
Mal comprados louvores não me arranca.

Divina Poesia, os alvos dias,
Em que pura reinavas,
Vagirão de nos. — Opacas nuvens
De fumo os horizontes abafando,
A luz serena offuscam,
Que sobre o Velho Mundo derramaras.

A' sede d'ouro, e á vil cobiça dados
Os filhos teus (ingratos!)
Nas niveas roupas tuas aljofradas
Mil negras nodoas sem remorço imprimem.
Mascarada Lisonja,
Fome, Baixeza os venaes hymnos dictão.

Então que densos bosques e cavernas
Os homens acoutavão,

Pela Musica e Dança acompanhada,
Benefica Poesia a voz alçando,
Do seio da Mãe Terra
Nacentes muros levantar fazia.

Então pulsando o Vate as cordas d'oiro,
A populoza Thebas
Altiva a frente ergueo, ao som da lyra;
E os horridos costumes abrandando
A sentir novos gozos
Aprende a feroz gente, bruta e cega.

Assim Orpheo, se a doce voz soltava,
Os Euros suspendidos,
O Rio quedo, as rochas attrahia:
E os raivozos Leões e os Ursos feros
Manso e manso chegavão
A escutar demais perto o som divino.

O Selvagem que então paixões pintava
Com uivos e com roncos,
Pelas gentiz Camenas amestrado
Os ouvidos deleita, a lingua enrica,

E com sonoro metro
Duraveis impressões grava na mente.

Qual a tenra donzella branca e loira
Da Paphia Deusa inveja,
Os olhos cor do ceo, vermelha a face,
O peito faz sentir que não sentia:
Assim Musas divinas,
Coraçoens bronzeados ameigavão.

Entre os frios Bretoẽs, e os Celtas duros
Reinarão as Camenas.
De pó, de sangue, de ignominia cheios
Mostra os vencidos Ossian á patria;
E a frente coroando,
Canta os triunfos, canta a propria gloria.

Qual das aves a magica harmonia,
Que a primavera canta,
Assim teus feitos, grandes e sublimes,
No dia da victoria, Herculeo Fingal,
Teus Bardos celebravam,
E a testa sobrançuda desfranzias.

Soberbos templos teve, teve altares
Na Grecia a Poesia.
Genios brilhantes! seus antigos Vates
Os sociaveis nós, uteis e doces,
Humanos apertaram:
Simples, e poucas, sabias Leis fizeram.

A frente levantar não se atrevia
O Fanatismo ferreo;
Co' a gotejante espada dos altares
Arrancada, vermelho sangue quente,
Que lagos mil formára,
Dos proprios filhos não vertia a Terra.

Nem absurda calumnia perseguia
A razão e a virtude....
Se a Terra via, via heroicos crimes.
Tu Monstro horrendo, horrendo Despotismo,
Ah! sobre ti cahiram
Accesos raios, que na mão trazias!

Maldição sobre ti, Monstro execrando,
Que a Humanidade aviltas!

Possam em novos mares novas terras,
Por Britannicas gentes povoadas,
Quebrados os prestigios,
Os filhos acoitar da Liberdade!

Então a fome de oiro, mãe de crimes,
Negra filha do Inferno!
Não tinha o braço matador armado
Do tyranno Europeo. — A Africa adusta,
E a doce Patria minha,
Seus versos inocentes entoavam.

Vós lhes dictaveis, Heliconias Deusas,
Ternos versos chorosos
Do doce amigo morto á sombra ausente!
Outras vezes as vozes levantando,
A gloria dos Heroes
Em choréas enérgicas cantávam.

Então nascendo altiloqua Epopea
Celebra os Semideuses:
Tal da Grecia recente em alvos dias,
A trombeta embocando sonorosa,

Fez ver a luz Homero,
Que depois imitaste, Augusta Roma!

Não mil estatuas de fundido bronze,
Nem mármores de Paros
Vencem as iras de Saturno idoso:
Arrazam-se pyrámides soberbas,
Subterram-se obeliscos,
Resta uma Illiada, e uma Eneida resta!

Qual rouca rãa nos charcos, não pretend..
De mim vendidos cantos.
Se a Cythara divina me emprestarem
As Filhas da Memoria, altivo e ledo,
A virtude cantando,
Entre os Vates tambem terei assento.

ODE.

Vem minha Eulina, vem : corramos presto
A's colmadas choupanas, que convidam
Com retirado asylo.
Ali te esquecerão da futil Corte
Os bulhosos prazeres que esvoaçam
Os pavidos amores :
Ali solta a ternura, e os meigos beijos,
No scio da singella Naturêza
Quantas terás delicias!
Que póde embelezar-te a vãa Lisboa?
Defina a mocidade, se acanhados
Os nascentes affectos.
Então a comitiva dos Pezares
Virá despir teus dias de alegria,
Dias longos, sem gosto!
Nutre-se Amor com mil prazeres livres,
Com livres expressoens de peitos ternos
Que lhe alentam os vôos.
Mas onde acharás tu logar mais proprio

Que o campo escuso, habitação tranquilla
Da amiga liberdade?
Ali somente o coração ensina
Dos olhos a linguagem maviosa,
Os puros sentimentos!
Nada ha que prenda fervidos dezejos:
Nada se oppoem ao simples Pegureiro,
Que o peito seu descobre.
Ouvindo-lhe caricias a Pastora
Entre seria e risonha lhe responde
Co' a face nacarada.
Amar entre Pastores não hé crime:
Todos sentem os mesmos movimentos
Que sentimos, Eulina!
Nem precisam de juras nossos peitos,
Prezos estão em doces nós eternos,
Que o tempo não desata.
Orgulhosa ambição, cuja cobiça
Não envenenam asisados dias
Do Camponez ditozo:
Goza de amores francos e singélos
Pastos ao gado hervosos, gradas ceifas

Affortunam seus dias.
Não soffre a sanha de insolente Grande;
Nem vão Ricaço lhe deslumbra os olhos
Co' a Cruz regateada:
Se não habita Paços magestosos,
Onde marmoreos alizares brilham,
Co' a Natureza mora.
Ah! basta-nos somente que a choupana
Nos acolhe das chuvas invernosas,
Das calmas queimadoras!
Quando as musicas Aves alvorada
Derem á rubra destrançada Aurora,
Te espertarei com beijos.
Iremos conduzir as ovelhinhas,
Dos amigos rafeiros vigiadas,
A's humidas hervagens.
Das quentes sestas o calor não temas:
Escolhida por mim mimosa relva
Convidará teu somno.
A' sombra dos copados arvoredos
Nosso amor gozaremos, abrigados
Dos olhos invejosos!

Não trajada de purpura ou de seda,
Mas de singella natural belleza,
Dominarás meu peito.
Milhoens de beijos cobriráõ teu seio;
Em vão contal-os ousará cioso
O Zoilo malfazejo!
Assim, Eulina, correrão teus dias:
Assim nos colherá velhice tarda
Entre amores constantes.
Sim, minha Eulina, vem: corramos prés.
A's colmadas choupanas, que convidam
Com retirado asylo.

ODE.

As nitidas maminhas vacilantes
Da sobrehumana Eulina,
Se com fervidas mãos ousado toco,
Ah! que me imprimem súbito
Electrico tremor, que o corpo inteiro
Em convulsoens me abala!
[illegible] ferve: em catadupas cahe-me...
Brotam-me lume as faces....
Raios vibram os olhos inquietos....
Os ouvidos me zunem!
Fugir me quer o coração do peito....
Morro de todo, amada!
Fraqueja o corpo, balbucia a falla!
Deleites mil me acabam!
Mas ah! que impulso novo, ó minha Eulina!
Resistir-lhe não posso....
Deixa com beijos abrazar teu peito:
Une-te a mim.... morramos.

ODE

A AMIZADE.

Amitié, don du Ciel, soutien des grandes ames!

VOLTAIRE.

De novo, ó Musa, as azas empenemo
Firam-se as aureas cordas
Da Lyra abandonada:
Os frescos valles do sagrado Pindo
Mais esta vez trilhemos.

Novo Alcides a clava sopezando,
As Hydras, as Chymeras
Caiam aos pés exangues;
A soberba enrugada, a vil Mentira,
E tu, Lisonja astuta!

Musa, Filha do Ceo! que esprito accêso
Me allumia a mente?
Não he furor fingido.—

Nem são inspiraçoens da velha Delphos,
He da Amizade o estro!

Ja desce lâ do Empireo a san verdade:
Fujam, profanos fujam!
Aquelles que sentiram
Uma vez da Amizade os meigos laços,
Venham ouvir meu canto.

N[illegible] lourados tectos levantados
De marmoreo Palacio,
Ou em Doricas arcadas,
Que sustentam as sálas magestosas,
Mora a virtude santa.

Oh doce Paz, sagrada Liberdade,
Unicos bens do Sabio!
Os Idolos da terra
Não vos conhecem. — Vós dormis tranquillas
No seio da Amizade.

Em quanto na esquentada fantezia
Creando ôcos fantasmas,

Freneticos humanos
Suspiram por privanças e chymeras,
Que os sustos envenênam.

Nos campos innocentes, onde brinca
Zephiro prazenteiro,
O sabio solitario
Ri desses doidos, ri do Velho Mundo
Com o discreto amigo.

Se sisuda tristeza lhe baf'eja
Com halito empestado,
Beijando a cara amada,
Em quem móram Cupidos cento e cento,
Inveja faz aos Deuses.

E lá quando do negro throno estende
O plumbeo sceptro a Noite
Sobre o cansado Globo,
Sentado c'o amigo á parca meza,
Conversa ledamente.

Umas vezes sondando altos mysterios,

Vedados á vil turba,
Deixando o pezo inerte,
Nada no Espaço immenso, os Globos peza,
Milhoens de Sóes encara!

Outras vezes baixando á humilde terra
Contempla a natureza:
As doiradas espigas,
Que os prados vestem de formosas ceifas
Observa, e se enternece.

Tu Leibnitz immortal, tu grande Newton
A razão lhe vigoras!
E incredulo admira
Os vastos turbilhoens, partos sublimes
Do creador Descartes.

Locke, Montesquieu, Rousseau, Voltaire,
Virgilio, Pope, Homero,
Camoens, o padre Horacio,
Repartem os seus dias venturosos
Co' a candida Amizade.

Assim, meu bom Filinto, caro amigo,

Com teu amigo Elysio
Possas viver teus dias!
E deixa que casquilhos repimpados
Namorem Senhoritas.

ODE

(Imitada do Inglez.)

A MORTE DE UM POETA BUCOLICO, AMIGO DO AUTHOR.

(*A Scena he sobre o Rio da Bertioga em Santos, no Brasil.*)

Ali repousa o divinal poeta
No tumulo! ali dónde mansamente
A descansada vaga temerosa
Se arreda com respeito.
Vós singelas bellezas da Natura
Ah! vinde, levantai-vos,
E ornai do vosso Vate a sepultura.

Ali n'aquelle fundo verde leito
De juncos murmurantes enterrada
A frauta está, que annosos troncos duros
Attrahia ligeiros.
Ah! quem tiver o coração afflicto,

Em tristeza ensopado,
Visite uma e mais vezes seu sepulchro!

Aqui tenros mancebos e donzellas
Mil lagrimas darão ás cinzas frias;
E em quanto seus sons tristes o contorno
Encherem de amargura,
A Compaixaõ c'os olhos disvellados
Crerá que inda lhe escuta
Suas meigas palavras derradeiras.

Melancholica Saudade quantas vezes
Lá pela margem vagará pensando,
Em quanto a fronte adorna o patrio Rio
De vernais grinaldas!
E quantas vezes golpeante remo,
Nos ares suspendido,
Tranquillos deixará seus gentiz manes!

Quando o Prazer e a festival Saude,
Fugindo das cidades se retiram
Aos prados geniais, onde lascivos
Os Zefirinhos folgam,

Triste amigo a cabana descubrindo
Entre a varia paysagem,
A face regará com pranto justo.

Mas tu, Vate gentil, que friamente
O campesino humido leito habitas,
De que te haõ de servir lugubres cantos
Que a afflicçaõ entôa?
De que te hão de servir lagrimas tristes
Que amorosa Saudade
Chora debaixo da ligeira véla?

E inda haverá mortal desasisado,
Que sem temor os olhos seus demore
Sobre o pálido tumulo sagrado,
Que lá reluz ao longe?
A' vista delle, doce Vate, morre
Toda a alegria minha,
Morre o prazer da amena primavera....

E tu paterno Rio despresado,
Cujas margens tristonhas desamparam
Os verdejantes tortuosos mangues,

Que tristes vão secando,
Ah! da vista me tira aquelle outeiro,
Cujas humidas fraldas
O sepultado cáro Vate encerram....

Murchos já vejo os valles florescidos!
Habitação de barbaras Napeas!....
Que opaca noite escura vem cubrindo
Esta vista solemne!...
Inda uma vez, amada sombra ausente,
Da candida Natura,
Inda mais esta vez, Adeus filhinho!....

ODE

NO GOSTO ORIENTAL.

1820.

AO SENHOR DOM JOÃO VI.º

Co' a santa paz, com teu benigno mando
Teu a esfaimada, mansa ameiga
O timido Cordeiro.

O infante que apenas lava os beiços
No leite maternal, teu doce Nome
Já repete risonho:

Faz chover tua Maõ celestes dons,
E vaza mil venturas, qual chuveiro
Por Boreas sacudido.

E os vastos campos, que avisinha o Prata,
Ora de mato, e d'herva nil vestidos,
Serão jardins de Eden.

Mas se o Colono Ibero nos provoca,

Nossos ginetes beberão com gosto
De sangue as aguas tinctas.

Da relusente espada, teus Paulistas,
Irão sobre os rebeldes sacudindo
Apinhoadas mortes.

E Mavorte, que em sangue ensopa as fauces,
Fará seus membros vis pasto de tygres,
De famintos côrvos.

O INVERNO.

1788.

(*A scena he em Almada defronte de Lisboa.*)

Ora que o feio sobrançudo Inverno
As grutas deixa do gelado Norte;
E em triste magestade
De medonhos tufoens arrebanhado,
De grossas nuvens negras prenhes d'agua,
Assalta o Meio Dia;
E faz dos prados inda florescentes
Os Zephiros brincoens fugir trementes:
Aqui sobre o penhasco sobranceiro,
No negrume da noite,
Onde a vaga raivosa a furia quebra
Em nitida ardentia,
Ah! deixemos errar o pensamento
Entregue a si, sem tento!
Triste de Elysio misero, cansado!
Longe da cara, da gentil Eulina,

Ou geie, ou chova, ou vente,
Absorto em seus pezares nada sente!
Do Tejo encapellado
Nas pardas praias, onde as conchas luzem,
(Quaes lá sobre cabeços verdes brilham
As vivas cores do listrado Iris)
Ondas mil rouquejam.
C'os beiços titubantes, enfiado,
Tincto da côr da morte o triste rosto,
Por entre o horror da noite, e as ondas [illegible],
O batel mal governa
O pavido barqueiro!
Os ventos berram, ferve o Tejo inteiro!
Eu só, meu Bem, em ti sómente absorto,
Na Lapa cavernósa reclinado,
Naõ temo os elementos.
Na memoria teu gesto repintando,
Debalde carrancudo Inverno brame,
E mar, e ventos, e borrascas duras:
Debaldo enlutada a Natureza
Meu peito quer tingir de côres pretas;
Mas póde em ti pensando,

Cara Eulina, deixar de derreter-se
Em prazeres minha alma,
A quem teu nome só socéga e calma?
Por entre as bastas nuvens, que adelgaça
O vento furioso,
Levanta-te ó Lua. — Sobre o Tejo,
Espalha os frouxos amarellos raios,
E deslizando as vagas,
Que ao nauta cobrem de suór e frio,
Mostra um pouco sereno o irado Rio.
Sim, vejamos ao menos se por entre
Os bruscos ares que alumía a Lua,
A habitação vislumbro!
Ei-lo lá está da minha Deusa o templo,
Se os olhos não se enganam!
Mas ah! que não escuto as fallas meigas
Com que tygres amansa encarniçados,
Com que peitos amolga bronzeados!
Talvez, meu Bem, no leito desleixada
Entregues á Morphêo ternas lembranças.
Quem podera de um tiro abalançar-se
A divinal alcova!

Ali contemplaria arrebatado
Mil thesouros da pródiga Natura.
O niveo lindo peito
Veria palpitar suavemente
Que meigo sabe amar, que meigo sente!
Gentil Eulina! sim-os lindos pomos,
Ricos cofres de amor e de ventura,
São mais brancos, que a espuma prateada
Que o Tejo lança agora, quando os ventos
Ferem as ondas contra a rocha dura,
Que seu furor atura.
Mas ai de mim, que faço! a Fantezia
De onda em onda de ficticios gozos
Erra mesquinha! Basta já de sonhos!
E na lapa musgósa reclinemos
O fatigado corpo:
Inda talvez que brilhe un alvo dia,
Dia cheio de amor, e de alegria!

ODE

AO PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL

No tempo da Invasão dos Francezes.

Rasgando o véo de trevas,
Esparge Aurora as matutinas rozas:
Assim divina Urania, quando os Deuses
No Olympo diamantino em largo gyro
Os extaticos Cantos escutavam
Que a Lyra acompanhava,
O mesmo Padre Jove desfranzindo
A fronte sobrançuda,
Os ouvidos fitáva
Banhado em riso; em jubilos nadava....
A mim, não as coroas alcançadas
Na Pythica carreira,
Que Pindaro cantára
Móvem meu estro. — Só quando celebras
Os Heroes sobrehumanos,
Que virtude e sciencias embaláram,

A quem povos amaram,
Então deitando mão da Lyra d'oiro,
Da Lyra, que me deras,
Qual de Cumas a horrisona caverna
Retumba em torno c'o furor divino;
Assim, ó Musa, de teu nume accesa
Chameja a mente, ferve todo o sangue...
E ledos hymnos, filhos teus, voando
Os ares vão cortando!

Ah! quem não sente estremecer-lhe o peito
Ouvindo os cantos dos Argivos Cysnes,
Odio das Musas hê. — Odio de Jove!
Teu nome amado
Alados hymnos levarão sem susto
Ao templo da Memoria
João, do Brasil, Gloria, Esperança!
E pois que Apollo, e tu divina Urania
Prenhe de dons eternos
Puro regaço sobre mim vazastes,
Com mão segura de mil novos cantos
Rico feixe ajuntemos,

Com que lhe a frente heroica coroemos.

Mas que scena funérea
Ante meus olhos se abre!
Eis o Tejo tristonho, reclinado
O corpo sobre a urna,
Das Tagides cercado,
Assim o ar povoa de queixumes!
« Já fui Tejo! já fostes Lusitanos!
(E pára um pouco) ó dias!
» Dias de Henrique, Manoelinos dias!
» Já fugiram da patria!
» Os Lenhos Portuguezes
» Que cem mares arando não trilhados,
» Tres mundos arredados,
» Por cima de milhoens de insanos medos
» Ousados conquistáram,
» E as Quinas indomitas plantaram,
» Minhas margens não saudam. —
» Mil piraticas quilhas
» Do Gallo, do Bretaõ, do Escandinavo
» Aporfiadas roubam

» O oiro e o sangue da indolente Lysia!
» Meu nome augusto que infundia outr'ora
» A' terra toda espanto,
» Hoje apenas se ouve no Universo. —
» Cumpriram-se os Destinos:
» Foi victima de crimes Lusitania! »
Assim fallou. — E na torvada mente
Revolve um grão tropel de ideas cento
As Tagides chorosas
Se arremeçam ao Deos, e tentam meigas
Amaciar-lhe a magoa:
Mas a magoa que sente
Vive no peito impressa eternamente.

Ah, sim! já fomos Lusos,
Prole somos de antigos Semideuses!
Eis de arredadas terras busca a patria
Rico de noçoens mil, rico de gloria
Aventureiro Pedro!
Eis se electriza a mente mais que humana
Do creador Henrique!
A' um seu acêno só, ergue-se em pé

Navegação altiva!
Na frente os murchos loiros reverdecem-lhe.
Nunes, brilhante de saber profundo,
A douta penna empunha,
E da rica Astronómia as fontes abre.
Então abarca no pejado seio
A bella Lusitania, que remoça
Em ardimento e gloria,
Sabios estranhos e Varoens ousados,
Que transpondo do inerte patrio sólo
O vastissimo deserto,
Encontram nova Patria, e asylo certo.

Lusas soberbas Argos
Vão lustrar novos Ceos, e novos mundos.
Acama-se o Oceano respeitoso
Ante estranhadas prôas;
E o douto Astrolabio, que reúne
Os mundos, o universo inteiro abre.
De mil Naçoens diversas
O mar dissociavel he o liame. —
Colombo, que Lysia ensina e nutre,

Vai embicar n'um mundo,
Que do Tártaro filhos, negros monstros
De crimes asselaram.
Eis o Gama afrontando infindos p'rigos
Ao berço se abalança
Da Aurora apavonada!
Domam os gelos da Hudsonia costa
Corte Reaes ousados. —
Dos inclytos Heroes se expande o peito;
E rompendo as prizoens da estreita patria,
Vão respirar um novo ar immenso!
Gravidão-lhes a mente destemida
Novos climas e leis, novos costumes,
Mil novas producçoens, mil novos entes.
Mas ó Ceos, que transtorno!
Louco mancebo! aos crús alfanges Mouros
Dar vas da gente miseranda o collo!
Velho desasisado! ergues fogueiras
Contra a patria, que entregas
Do Ibero Leão ás impias garras!
O Netos desgraçados,
O' inclytos trabalhos mallogrados!

Mas Jove ama a justiça e pune os crimes:
Nem sempre o Céo he surdo
Dos miseros mortaes ao pranto e aos ais.
A patria que gemêra agrilhoada
Pelas armas e ardis do Ibero infame
Doze lustros inteiros,
Já levanta a cabeça;
E beija a mão libertadora e santa
Do inclyto Bragança.
João o Quarto, Jozé, Maria Augusta
A quem Leão Ibero não assusta,
Da Lusitania as lagrimas enxugam:
Acham nelles asylo
A Razão, a Virtude, as Artes bellas.
Já sobre a Lusitania vai raiando
Brilhante luz, de novos bens presaga....
Mas, ó Fado cruel, que scena horrivel!
Infame negro monstro,
Que o Inferno criou, nutrio, cevou,
A bella Lysia esmaga;
E a luz, que já raiava, abafa, e apaga.

Qual túrgida torrente,
Que precípite cahe da rocha íngreme,
Tudo súbito alaga:
Assim das Furias o esquadrão cerrado
Sobre Lysia cahio.
Em gomo mata as debeis esperanças
Gallicano granizo.
Eis fusco véo de nuvens atras, grávidas
A Lusitania envolve.
Liberdade, Razão, Virtude e Honra,
Filhas do Céo! ao carro maniatadas
Levam de rojo as Furias-Foragidas
As Artes perseguidas
Pávidas fogem. — Nas campinas áridas
Não brincam prazenteiros
Co'a loira espiga os Zefiros travessos:
Filhas do Inferno impías
Abafaram de Lysia os novos dias.

Justos benignos Deozes,
Deozes outr'ora aos Lusos favoraveis,
Basta de males, basta!

Ouvi os rogos que do peito arranco!
Que súbito portento!
Rasgando os ares que d'amor se accendem,
De Jove omnipotente ao solio eterno,
A Paphia Deosa vôa.
Qual depois de borrasca negra e horrenda,
Branquêa os cumes destrançada Aurora,
E a Creação remoça:
Assim ao ver a bella Cytheréa
O Olympo exulta e goza.
Eis chega a Diva ao Pai: Jove estremece,
E para a abraçar do solio desce.

.....

Cætera desiderantur.

CANTATA Ia.

Vós me nutris os ternos pensamentos,
Quando á sombra das arvores copadas,
Sombrios vales frescos,
A redea inteira solto á fantasia!
De belleza em belleza divagando
Sófrega a mente se me vai nos olhos:
Depois meiga saudade
Manso e manso do peito se apodera....
Tudo o que vejo então me pinta Eulina.

Eis aquella violêta, que goteja
Das folhas frio orvalho,
Os olhinhos de Eulina maviosos
Cheios de mil amores, mil feitiços
Me pinta lagrimosos,
Quando ella dos meus brincos se agastava.
Os recentes jasmins vivo debuxam
Os dentinhos de Eulina que sorria
Aos humildes meus rogos.

Então as niveas faces delicadas
Se com os beiços meus os seus tocava,
Sorrindo pudibunda
Ah! que eram duas rosas orvalhadas!

E ha quem possa, ó minha Eulina vêr-te,
Inda que seja um marmore,
Sem palpitar-lhe o coração no peito?
Por mim o digam, cara,
Se te vejo, as entranhas se me embebem
De insolito alvoroço;
O sangue ferve em borbotoens nas veias!
Sou todo lume, fico todo amores!
E ainda se enfada a crúa,
Se lhe digo a verdade?
Veja-se áquella fonte. Solte o rizo,
Que me rouba a mim mesmo,
Verá sorrir com ella a Natureza!
Insoffrido esquadrão de alados beijos,
Em torno de teus beiços revoando,
Delles, Eulina, vida estão tirando.
Labios da minha Eulina,

Labios, favos de mel, mas venenosos!
De vós depende dos mortaes a dita,
Se meigos vos abrís.... ah! nunca irosos!

Desentrançadas as madeixas de oiro,
Que ondeam sobre o cóllo cristalino,
Meneando com graça o corpo airoso,
Inda mais bella que as Napeas bellas,
Quando as arestas do ondejante trigo,
No folguedo nocturno,
Em rapida carreira apenas tocam!
C'os olhos côr do Céo, branda e serena,
Aqui de manhãa vinha, aqui folgava
Conversar ás singellas c'o a Natura!...
Parece que a estou vendo.
Qual Zefirinho meigo
Que as espigas açoita levemente;
Assim lhe vai tremendo o eburneo collo,
Assim os lacteos pomos buliçózes,
Brinco dos Cupidinhos,
Docemente vacillam,
Quando entre as flores, nova flor passêa!

Eulina, Eulina minha!
Ah! não vendas tão cára a formosura,
Se a natureza a deo, deo para dar-se.
O peito ás Leis de amor não encruêças:
Quem dura lhe resiste
Vai contra o Céo, a Natureza offende.

Sim, crê-me, ó cara Eulina,
Tudo o que sente, tudo o que respira,
Tudo o que do almo sol calor recebe,
Reconhece de Amor supremo mando.

ARIA.

Se a Natureza
Te fez tão bella,
Por que és cruel?
Aprende della;
Sê-lhe fiel.
Eulina amada,
Se tens um peito,
Enche-o de ardor,
Verás que effeito
Produz Amôr!

CANTATA IIª.

Que alegre madrugada! os passarinhos
Do somno despertando
A Aurora estão saudando.
Salve, ó bella manhãa! Feliz quem póde
Respirar o teu ar, que o sangue esperta;
E longe do tumulto da cidade
Contemplar a Natura!
Que scena encantadora a formosura
Destes valles amenos me apresenta!
Salve outra vez, ó bella Natureza,
Que os homens desconhecem!
Mas não: Nize gentil, a minha Nize,
Da ingenua Natureza os dons prezando,
Não engrossa o cardume
Dessas almas vulgares. Quantas vezes
Apenas a manhãa raiar começa,
Solitaria baixando,
Aqui está a Natureza contemplando!
E que cheiro suave

A matutina viração me envia!
Talvez, ó Nize, o halito divino,
Recostada na relva ao fresco espalhes.
Eu não me engano, ó cara:
Se as arvores menêa
Boliço Favonio manda aos ares
O cheiro de mil pomos, de mil flores:
Azul regato, que os jardins retalha,
Embebe róseo aroma:
Assim, ó Nize, quando a choça me honras,
O halito, que espiras, coalha os ares
De angélica ambrosía!
Agora que o horizonte avermelhado
Vé fugir com a noite
Opacas nuvens de vapôres frios;
E os fervidos Etontes sacudindo
As crinas refulgentes
Querem passar as métas do Oriente,
Oh que quadro gentil alma Natura
Aos olhos apresenta!
Ao longe alcantilada penedia,
Aqui e ali orlada

De arbustos verdenegros, vario musgo
A scena feixa! ó Nize,
Vem qual d'antes, meu Bem, ah vem commigo
Contemplar um chuveiro de belezas:
A' face do Universo remoçado
Eterno amor juremos.
Abre a boca de nacar, um sorrizo
Della á medo escapando,
De novas graças a Natura enfeita.
Sim, teus beiços deleites mil gotejam,
Nize minha divina!
Vestidos de rubim, quando elles se abrem
Em meigo santo riso,
Os ares alvoroçam, aviventam:
Elles de amor se accendem.
Aqui no valle, que os outeiros fende,
Onde as limpidas aguas ajuntando-se
Formam de prata arroios,
Quando passeas entre alegre e triste,
Qual a manhãa serena;
Eis o lascivo tremedor arrulho
Das leves avezinhas namoradas

Te pressentem, ó Nize; enternecidas
De raminho em raminho andam saltando,
E parece te dizem gorgeando:

ARIA.

Nize tyranna
Tem dó de Armido;
Torna, inconstante,
Torna ao querido
A consolar.

Elle te jura
Por esses olhos,
Onde os Amores
Fervem á molhos,
Sempre te amar.

A CRIAÇÃO.

Lá sobre hum alto do nascente mundo,
Donde as aguas tremendo recuarão,
Quando ouvirão a voz do Deos do raio,
Poderoza Energia discorrendo
Por entre a denegrida humida terra,
Que do abismo a cabeça levantava,
Organizados, noveis Entes cria,
Viçozas plantas, de que o Globo pasma!
Pelos ventos aromas mil espalhão
Os verdejantes ramos seus diffusos,
Que do ar expansivo a vida tirão:
Os Zéfiros brincões dependurados
Alegres batem as lascivas azas.
Já d'entre o firme verde laberinto
Voão, cortando o ar, canoras aves:
Entoando canções em seus gorgeios
Ledas saúdão a menina Aurora.
Então amor de prole em laço estreito
As une todas. Laços que Natura

Forjou para os viventes, meigos laços,
Que emvão intenta ferreo Fanatismo
Quebrar d'entre os humanos, Deos piedoso!
Eis pelo novo campo vem saltando
Animaes de cem formas, cem figuras!
Lá da noite do Nada, em que jazião,
Deos lhes faz ver a luz; a luz que tinha
Do esteril cháos fecundado o seio.
Ah! de prazeres mil gozão contentes,
Que Natureza liberal derrama;
Nem austera Razão, injusta e fraca!
Os atormenta com seus vãos remorsos.
Porque teu braço aqui não suspendeste,
O Sabia, compassiva Divindade?
A criadora Mão parar devera.
Pobres humanos, ah! porque os geraste?
Leves momentos em prazer gastados,
Que os crimes avenenão, sepultados
Jazer devião no vazio Nada!
Nos campos geniaes de Edén formoso,
Gentil morada, que nos destináras,
Ligeiro sono apenas encetarão

Nossos primeiros Pais, a quem o Fado,
Invejozo! segou em flor os gozos.
Então o negro Averno, impio e tirano,
Das sujas fauces vomitou sanhudo
Cerrados esquadrões de horrendos males,
Mil sanguinosos malfazejos crimes.
O filho infame, bravejando de ira,
No sangue maternal ensopa os braços;
E pensa, ó meu bom Deos, que assim lho mandas!
Eis lá na costa d'Aulide saudosa
C'o vivo sangue de Ifigenia bella
As sacras aras da triforme Deosa
Manchou deslumbrada a Grega frota.
Ao vento dadas as madeixas d'oiro,
Cingida a frente de sagrada faixa
Ao altar se avisinha. O Sacerdote,
Em alto alçando o barbaro cutello,
O golpe lhe prepara. Ternas gotas
A Dôr espreme dos visinhos olhos.
Cruel, suspende o golpe: e de que serve
Para ventos domar sangue innocente?
Triste Ifigenia, misera donzella!

Em vez dos laços de Hymineo suaves,
Que Amor compadecido lhe tecia,
De surdos Deoses víctima cruenta
Cega superstição a sacrifica!
Lá de Haiti nas praias assustadas
De ver cavados lenhos, que orgulhozos
Cerrão em largo bojo espanto e morte,
Desembarcão ousados homens-monstros;
E apóz o estandarte correm, voão,
Que Fanatismo, que cubiça alçarão.
Imbelles povos, Indios innocentes!
Do armado Espanhol provão as iras.
Que Deos fizera hum Mundo crem os Tigres
Para ser preza sua. Em toda parte
Americano sangue, inda fumando,
A terra ensopa, e amollenta as patas
Dos soberbos ginetes Andaluzes.
Deos do Universo! a Natureza freme,
E de horror na garganta a voz se prende!
Tiranos Europeos! e tanto póde
Esse loiro metal divinizado!
E tu, que os crimes dos mortaes conheces,

Deos piedoso, Deos que nos criaste,
Porque cruentas mãos livres lhes deixas?
Devias antes seus nefandos feitos
Manso atalhar, do que punir irado!
E se para o castigo hê que os consentes,
Sendo punidos, deixão de estár feitos?
Se a maquina imperfeita não regula,
O Artista he sô culpado, que não ella.
Ah! se a obra de tuas mãos benignas
Rebelde havia ser á teus preceitos,
Antes, ó Deos, antes a não formasses:
Criar folgaste eternos infelizes?
Que perspectiva horrenda! densas nuvens
O horizonte da Razão me embruscão!
Immenso abysmo me rodéa todo!
Fraca Razão humana, cháos vasto
De orgulho e de cegueira, ah! não presumas
Misterios penetrar á ti vedados:
Ama os homens, e á Deos: isto te basta.

EPISTOLA

ESCRITA DE COIMBRA NO COMEÇO DA PRIMAVERA DE 1785.

..... Nor ye wo live
In luxury and ease, in pomp and pride,
Think these lost themes unworthy of your ear.

THOMPSON, *Seasons.*

Tu, em quem liberal a Natureza
Unio uma alma grande a um peito humano,
Tu que ves, doce amigo, cáro Armindo!
Os miseros mortaes vagar sem tino
De dezejo em dezejo, de erro em erro
No immenso barulho das cidades;
Donde a risonha Paz e a irmãa Justiça
Banidas pelo vicio vão fugindo;
Foge do alvergue das paixoens e crimes;
E pois que a Primavera deixa a nuvem,
E fresca desce sobre os nossos campos,
Companheiro vem ser da Natureza.
Se annos inteiros lá na Côrte gastas

Com rostos mil fingidos, vem uma hora
Gastal-a có a amizade. — Verdes freixos
Que a caza me rodèam, sombra amena
Copados guardam para ti. — As Ninfas
Colhem as novas flores, que do seio
Da terra o almo sol resplandecente
Lá desd'o assento seu, raiando, cria.
Com ellas tecem mil gentis grinaldas
Para ornarem-te a fronte, ó caro Armindo!
Ah! se a terna Delmira inda te lembra,
Deixa essas Marcias, deixa essas Nerinas,
Nevados coraçoens, que amor não sentem.
Longe de nós, Armindo, esses amores
Que accasos geram, que desfaz uma hora:
Longe de nós, Armindo, esses amores
Prodigamente dados, que a vontade
Engeita por fastio ou por cansaço.

Amor não quer Athletas furiosos,
Que a méta corram desbocadamente.
Fólga de amantes vivos, mas prudentes:
Util descanso, e fervidos prazeres....

Então os meigos Beijos voadores,
Co' as azas buliçosas refrescando
As amorosas faces inflammadas,
Renovam a paixão, dão-lhe energia.
Doces meiguices, brincos engraçados,
Tudo precisa Amor; muito lhe servem.

De pámpanos frondosos coroando
Nossas cabeças, rubicunda a face,
Sentados com Delmira em brando musgo
A' sombra da floresta, rodeados
De festivo esquadrão de Cupidinhos,
De Dezejos gentis, de leves Risos,
Com o louro Madeira que desterra
Negra melancolia pensadora,
Bassareo Evohé, nós gritaremos.
Lá quando a Tarde fóge amedrontada
Do Inverno irado, que seus ventos junta,
E a Noite principía a abrir as azas;
Voltando para a caza socegados
Com teu modo Socratico, mordendo
Irás no velho mundo, que empeóra.

Graciosas pinturas delicadas
De puros *Zeros*, que per si não vivem,
Do politico Mévio barregudo,
Dignas do grande Pope irás fazendo.
Desmiolada cabeça, em cujo ôco
Pódem melhor girar trezentos mundos,
Do que no espaço do divino Newton!

Quantos pequenos *embrioens* das Lettras
No vasto alcaçar da benigna *Deosa*
Alojados verás á perna solta!
Apathica manada, que vegeta,
Em quanto poucos vivem. — Grande Deosa,
Coeterna do cháos! Mãe dos asnos!
Estupidez affavel que derramas
No caleijado peito de teus filhos
Insipida alegria. — Ou abrindo a fonte,
Fazes correr em bica mil palavras,
Escoltadas de *Symbolos*, de *Enigmas*;
A' cuja vista timida a Verdade,
Coitadinha Verdade! espavorida
Desampara a *cadeira* de Minerva;

Reina no Mundo, pois nasceste *Deosa;*
E ao redor de teu throno boccejando
Teus gordos filhos vejas descançados
Mil somnolentos *vivas* entoarem!
Eu não dezejo, nem dezeja Armindo
No altar da Razão queimar-te incenso.

Vem pois, amado amigo, e a Natureza
Contemplemos um'hora. Solitaria
Nos campos mora, longe das cidades.
Já sentados a sombra de altos freixos,
Depois que o Sol do seu doirado throno
Aclara os Ceos, e os Zéfiros lascivos
Faz siciar nos campos florescentes;
Já lá sobre o rochedo alcantilado,
Que os prados do contorno senhorea,
Donde a águia velóz, cortando os ventos,
Demanda as regioens do empirio Ether,
Por todas estas scenas da Natura
Errar deixemos livre o pensamento.

Tu amavel Verdura, que atavias

Os campos geniaes na Primavera,
Ah! faze com que Armindo solitario
Entre a varia paizagem matizada
Veja correr seus dias na innocencia.
Pura amizade, candidos amores
Já esperão por ti, meu caro Armindo
Com Almena e Delmira, de mãos dadas,
Em ameno passeio gastaremos
As horas da manhãa! Que lindas scenas!
Eiz em seu carro d'oiro a branca Aurora
As trevas afugenta do horizonte,
E débilmente ainda os campos córa!
Eiz as mansas ovelhas temerosas
Fazem soar os prados c'os bâlidos,
Acordando os pastores preguiçozos!
No bosque verdejante Philomela
Gorgeando se queixa docemente!
Já o bando voador em meigos laços
Com mil lascivos namorados beijos
Impellido de amor se une ditozo;
Laços gentiz da próvida Natura!

No brando seio os Zéfiros traveços
Venus aquenta do nocturno frio.
Ella mesma distilla orvalho puro,
E com liquidas perolas borrifa
Os tenrinhos botoens das novas rosas!
O alma do universo, ó Venus bella!
Por ti respira tudo o que tem vida.
A hum teu aceno sô milhoẽs de *Seres*
Já nos profundos reinos do Oceáno,
Já na face da terra, ou lá nos ares
Renovão a cadêa do Universo!
Tu viver fazes a *Materia* inteira!
Todos quantos respirão, vivem, sentem
Na terra e mar, nas regioens do vento
Obedecem teus mandos, grande Deosa!

Sim, meu Armindo, vem passar teus dias
Nos ternos braços da fiel Delmira.
Tu e mais ella, eu e mais Almena
Ignorados da *turba* viveremos
Da singella virtude acompanhados,
Em quanto com Chimeras viz, ridiculas

Freneticos mortaes avida estragão
No seio de mil males e mil crimes.
Ah! escapa ao naufragio, ah! busca o porto!
Assim Voltaire, o vate dos Philosophos,
Cançado de lutar com viz intrigas,
As Cortes desprezando, retirado
Na aprazivel Ferney, vivco contente:
Assim o pensador Rousseau sublime
Herborizando terminou seus dias:
Imitemo-los tambem, meu caro Armindo!

O BRAZIL.

Versos remettidos da villa de Itú á S. Mag.e o Snr. D. João VI, no faustissimo dia 13 *de Maio de* 1820.

Que he isto, ó Musas! porque a lyra empunho,
A Lyra que ao silencio consagrara?
De novo os labios não molhei nas aguas
De Aganippe e Castalia! no Parnazo
Não dormi, nem sonhei! Porque estro santo
Me inflama a mente de Apollineo fogo?
Maz eu já vejo o Numen que mo accende.
Es Tu, ó bom João: teus são meus versos;
Gratidão mos bafeja, a Patria os pede.
E Tu, João Augusto, ouve estes versos,
Que o Brazil me arrancou do experto peito;
E lança hum volver d'olhos piedoso
De amor paterno, sobre a nova China
Que teus Lusos povoão, fertil, rica
Sobre tudo o que vê o Sol doirado,
Quando nasce e se põe! Teu he inteiro,

Desde o longo Pará ao largo Prata
Este immenso paiz, mimo do Céo!
Que deve merecer-te amplos cuidados.

Não te enganem com vil hypocresia
Astutos Cortezãos, sombríos Bonzos,
E os que nos molles vicios ser afectão
« Albuquerques terriveis, Castros fortes,
» Em quem poder porém já tem a morte. »
Mas em torno de Ti te adejem brandas,
Filhas do Céo! Verdade, sãa Justiça,
Meiga e candida Paz, risonha Flora,
Ceres, Pomona, os Sylfos bemfazejos
Que os tesoiros te abrão, entranhados
Nas vastas serras, nas impervias matas.
Illumina teus Povos; dâ socorro,
Pronto e seguro, ao Indio tosco, ao Negro,
Ao pobre desvalido. —Então Riqueza
Teus cofres encherá. O mar inchado
Verás manso acamar-se, como otr'ora,
De novos Argonautas ante as proas:
Verás o Genio da gentil Botánica,

A quem a bemfeitora Medicina
Corteja, e acompanha a Agricultura,
A coróa enramar-te de mil louros:
A criadora Chímica escoltada
Das artes todas, verás o rico seio
Revazar sobre ti, sobre teus Povos
Dos tesoiros que o patrio solo encerra.
Mas hoje justo hê que te offereça
A nova Lusitania agradecida
Grinaldas mil de immarcesciveis flores,
Que Amor e Lealdade te hão tecido.
De Jovens e Donzellas chóros cento
Com ledos hymnos seus troão os ares;
E bemdizem-te hoje, o Rei Augusto,
Porque Commercio e Industria Tu lhes abres;
Tu lhes dás novas Leis, e novos Foros:
Tu lhes ensinarás á arar a terra,
Os rios navegar, rasgar os cerros;
Porque despedaçando vás benigno
A immunda vestidura da pobreza;
E de brutos farás homens e Heroes!

HÜA TARDE

No sitio de Santo Amaro perto da villa de Santos, da Provincia de Sam Paulo.

Como esta mata escura está medonha!
Não hé tão feia a habitação dos Manes!
Este ribeiro triste como sóa
Por entre o pardo emaranhado bosque;
E como corre vagorozo e pobre!
O sol, que já se esconde no horizonte,
O quadro afeia mais. — O vento surdo
De quando em quando só as folhas move!
A rouca voz pararão temerozos
Os esquivos *Jacús* (1) nos bastos gallhos
Cheios de *Caraguatáes* (2), das *Upiubas* (3).
Das azas vai lançando a fusca Noite
Terror gelado; o grito agudo e triste

(1) Os *Jacús* são especies do genero *Penelope* de Linné.

(2) Pertencem ao genero Bromellia.

(3) São arvores das matas virgens, cuja especie presentemente não posso determinar.

Nos velhos *sapezaes* (1) dos verdes grillos
Somente soa; e o ar cheio de trevas,
Que as arvores augmentão, vem cortando
Do agoureiro morcego as tenues azas.
Hê este da tristeza o negro alvergue!
Tudo he medonho e triste! so minha alma
Não farta o triste peito de tristeza!

(1) He hùa das grammineas, que se apodera dos terrenos estereis, por cançados.

AUZENCIA.

Em Paris, no anno de 1790.

Pode o Fado cruel com mão ferrenha,
Eulina amada, meu encanto e vida,
Abafar este peito e suffocarme!
Que pertende o Destino? emvão presume
Rasgar do meu o coração de Eulina,
Pois fazem sós um coração inteiro!
Imagem bella na minha alma impressa,
Tu desafias, tu te ris do Fado.
Embora contra nos auzencia fera,
Solitarias campinas estendidas,
Serras alpinas, aridos desertos,
Largos campos da cérula Amphitrite
Dois corpos enlaçados separando,
Conspirem-se--até mesmo os Céos Tyrannos.
Sim, os Céos! Ah! parece que nem sempre
Nelles mora a bondade! Escuro Fado
Os homens bandeando, como o vento

Os grãos de area sobre a praia infinda,
Dos miseros mortaes brinca c'os males!
Se tudo pode, isto não pode o Fado!
Sim, adorada, angelical Eulina,
Eterna vivirás á esta alma unida,
Eterna! pois as almas nunca morrem.
Quando os corpos não possão attrahidos
Ligarem-se em reciprocos abraços,
(Que prazer, minha amada! O Deus Supremo,
Quando fez com a voz gravido o Nada,
Maior náo teve) podem nossas almas,
A' despeito de mil milhoens de males,
Da mesma morte. E contra nós que vale?
Do sangrento punhal, que o Fado vibre,
Quebrar a ponta; podem ver os Mundos
Errar sem ordem pelo espaço immenso;
Toda a Materia reduzir-se em nada,
E podem inda nossas almas juntas,
Em amores nadar de eterno gozo!

ODES SAPHICAS.

I^a. — A' ROLLA.

Tu que estes ares despejada cortas,
Para onde, dize, voas sacudindo
Tantos aromas de Sabéa origem,
Doce Rollinha!

Entre a plumagem de arroxadas cores
Alegre trazes pálidas violas!
A quem no bico offerecer destinas
Jasmins e rosas?

Porque pendente do pescoço lindo
Hum papel trazes, que parece Escrito
De amores ternos, que hum amante envia
A sua amada?

Pára, e responde: — Vou seguindo, amigo,
Não meus caprichos; obedeço ao mando
Imperioso de meu caro Amo,
De Nize escravo:

Nize formosa, Nize que domina
Livres vontades, e com meigo riso
As iras vence de Cupido, e vence
Mortaes e Deoses.

Desde os pendores da gentil *Tijuca*
Vim ao chamado do meu grão Poeta.
Terno me pede; porem eu submissa
Por amo o tenho.

Elle me ordena que lhe leve á Nize
Carta nacida de seu brando peito;
Cujos amores, dos mortaes inveja,
Canta suave,

Quando entre as penhas, resoando a Lyra,
Nize celebra em *Catombi* ditozo;
Ou nas sombrias, sempre verdes margens
Do seu *Catete*.

Jurou me agora de outorgar-me certo
A liberdade, se esta carta entrego;
Mas eu que pezo com juizo as coizas,
Eu a regeito.

De que me serve atravessar os ventos,
Soffrer os frios da empinada serra,
Comer faminta, de bichinhos cheas,
Bagas agrestes?

De que me serve recrear os Echos
Dessas montanhas com lascivo arrulho,
E em duras garras de Gavião pirata
Perder a vida?

Mais vale escrava do meu bom Jozino
Cumprir honrada e bem leal seus mandos;
E no seu meigo bondadozo seio
Gemer suave.

Sentado á meza, elle co'migo brinca:
Eu lhe arrebato o seu melhor bocado;
Picó-lhe os dedos, eu a barba pico,
Bejo-lhe a boca.

Ri-se, e me anima. E se doidices faço,
Não me castiga, nem sequer se enfada;
Antes em taça de *Madeira* loiro
Logo me brinda.

Eu, quando Febo calido remonta,
Faço-lhe sombra co' as abertas azas;
E se da noite vai crecendo o frio,
Tambem o aquento.

Assim eu vivo regaladamente;
Livre de laços, livre de perigos,
Durmo tranquilla; ou de sentinella
Guardo-lhe a Lyra.

II.ª

A' PRIMAVERA.

Moço, bebamos; enche o copo, bebe:
Já novas rosas novo aroma espargem.
Eia ligeiros ao jardim desçamos
De Nize asilo.

Outra vez quero renovar amores,
A Filomela acompanhando a lyra:
Que gema Nize, como aquella geme,
Entre meus braços.

No canto escuso do rosal cheirozo
A Baccho brinde, como aqui lhe eu brindo;
Brinde aos amores, que co' as rosas voltaõ,
E com ellas brincam.

A vida acaba; muda-se a Fortuna,
Que bens e males sem juizo espalha:
Os que hoje vivem, amanhãa morreráõ:
Amemos hoje.

III.ª

O ZEFIRO,

IMITAÇÃO DE VILLEGAS.

O tu que moras nesta verde selva,
Hospede eterno do florido Maio,
Halito doce da formoza Venus,
Zefiro brando!

Das minhas ancias se o ardor sentiste,
Se dos pezares algum dó tiveste;
Pára, e não fujas; e á Derminda dize,
Dize que morro.

Derminda hum tempo minha dor sentia,
Derminda hum tempo minha dor chorava;
Amou-me hum tempo, mas agora creio
Que me aborrece.

Assim os Deoses com amor paterno,
Assim as Deosas com ternura meiga

Neguem, durante que feliz voares,
Neves á Terra.

Já mais o peso da saraiva branca,
Quando madruga o sombraceiro cume,
Toque teus hombros, nem o máo granizo
Fira-te as azas.

A CREACÃO DA MULHER.

Já tinha o Mundo
Jove formado,
E Rei de tudo
O Homem criado.

Mas solitario
Este se achava:
Brusca tristeza
O dominava.

Com mão profusa
A natureza
Emvão mostrava
Tanta bellêza!

Cantavam aves,
Bulía o vento:
Tudo infundia
Contentamento.

Florído o valle
Reverdecia:
De aromas mil
O ar se enchia.

Manhãa serena
Leda brilhava:
Manto de estrellas
A noite ornava.

E todavia,
Qual duro tronco,
O Homem jazia
Sisudo e bronco.

Covas escuras,
Mata enredada,
Nellas fazia
Sua morada.

No solio eterno
Jove sentado,
Então aos Deuses
Falla pousado.

Mortal soberbo
C'o entendimento
Sondar pretende
Mysterios cento:

Só, pensativo
Se desalenta;
Do mundo inteiro
Nada o contenta.

Eu distrahil-o
Quero piedoso;
Beba sua alma
Nectar gostoso.

Forma então Jove
Nova creatura;
De Venus bella
Fiel pintura.

Esbelto talhe,
Meneo brando,
Mil amorinhos
Vão rebanhando!

De oiro madeixas,
Ao vento soltas,
Ameigam feras,
Que andam revoltas.

Os Cupidinhos
Dos verdes olhos
Duros despedem
Settas á molhos.

Covas da face
Branca e rozada,
Vós sois das Graças
Gentil morada!

Vozes suaves,
Que as almas prendem,
De fio em fio
Dos beiços pendem.

Ah! são seus beiços
Fontes de vida!
Em neve pura
Romãa partida!

As alvas têtas
De marfim puro
Ah! são mais rijas
Que cristal duro!

Carne mimosa
Que a vista enleva,
Onde o dezejo
Emvão se ceva!

Ao vêla o homem
Pasma, estremece!
Quer abraçala,
Corre, enlanguece!

Quem es? es Deosa?
(O homem lhe grita)
Ah! se podesses
Trazer-me dita!

Ella responde,
Sou tua espoza:
Deixa a tristeza,
Ama-me, e goza.

SONETOS.

Eu vi Narcina um dia, que folgava
Na fresca borda de uma fonte clara:
Os peitos, em que Amor brinca e se ampara,
Com aljofradas gotas borrifava.

O collo de alabastro nu mostrava
A meu dezejo ardente a incauta avara.
Com ponteagudas settas, que ella hervara,
Bando de Cupidinhos revoava.

Parte da linda coixa regaçado
O candido vestido descobria;
Mas o templo de amor ficou cerrado:

Assim eu vi Narcina. — Outra não cria
O poder da Natura, já cansado;
E se a pode fazer, que a faça um dia.

SONETO.

A Marina adoecendo no dia dos seus annos.

Os faxos pelos ares sacudindo,
Voando baixaõ mil gentis Amores;
Cingidas todas de festoens de flores
As Graças vejo vir folgando e rindo.

De Ditos chocarreiros bando infindo,
Brincos traveços, Beijos voadores,
Travando dos Dezejos matadores,
Ledos se aprestão ao festejo lindo....

Eis chega Amor! — Os miseros humanos
Vinguemos hoje (diz); cesse a alegria;
Não se celebrem de Marina os annos.

Os males que ella fez punão-se hum dia
Sinta murchar os olhos soberanos,
E pague co' a doença a tirania.

SONETO,

*Improvisado no cazamento da senhora D.****

Este que baixa em branca nuvem pura,
Coroado de murta, e de mil flores,
He Cupido, gentil Deos dos Amores,
Que á terra desce cheio de ternura.

As nupcias assistir da Formozura
Vem, que mil coraçoens c'os passadores,
Que despedem seus olhos vencedores,
Sugeitou de seu mando á prizão dura;

Ao vêl-a o Numen de prazer se enchia;
E as niveas faces com fervor lhe beja:
Em tanto pudibunda ella sorria.

Vive, Delmira, diz: sempre te eu veja
Rodeada de amores, de alegria,
Fazer c'o teu Jozino as mais inveja.

IMPROVISADO. (1)

Derminda, esses teus olhos soberanos
Tem captivado a minha liberdade;
Mas tu cheia, cruel, de impiedade
Não deixas os teus modos deshumanos.

Porque gostas causar dores e clamnos?
Basta o que eu soffro: tem de mim piedade!
Faze a minha total felicidade,
Volvendo-me esses olhos mais humanos.

Já tenho feito a ultima fineza
Para ameigar-te a rija condição;
Es mais que tigre, foi baldada empreza.

Podem meus ais mover á compaixão
Das pedras e dos troncos a dureza,
E não podem abrandar hum coração?

(1) Foi feito tendo o A. de idade 16 annos. Este e os dois seguintes são os unicos frutos da su amusa juvenil, que conserva; e só por isso os estima.

SONETO. (1)

DERMINDA, aquelle amor, que me juraras,
Onde está, tantas vezes promettido!
He possivel que seja aborrecido
Jozino teu, que d'antes tanto amaras?

Ah! Derminda cruel, não me affirmaras
Ser mais facil o ver-se destruido
O globo todo inteiro, que fingido
Ser o candido amor, que me mostraras?

Tem feito o tempo ver a falsidade
De tuas vãas promessas: nas traidoras
Só se acha, ó cruel, variedade.

Mas fazes muito bem senão me adoras:
Tal deve ser a feminil vontade,
Pois não foras mulher, se firme foras.

(1) Foi feito tendo o A. 16 annos.

SONETO. (1)

Improvisado na partida para Portugal em 1783.

Adeus, fica-te em paz Alcina amada,
Ah sem mim sê feliz, vive ditoza;
Que contra meus prazeres invejoza
A fortuna cruel se mostra irada.
Tão cedo não verei a delicada,
A linda face de jasmins e rosa,
O branco peito, a boca graciosa
Onde os Amores tem gentil morada.
Pode, meu Bem, o Fado impiamente,
Pode negar de te gozar a dita,
Pode da tua vista ter-me auzente:
Mas á pezar da misera desdita
De tão cruel partida, eternamente
Nesta minha alma viverás escrita.

(1) Tinha então o A. 18 annos.

ANACREONTICA.

Os brincos, as meiguices,
Os arrufos, os risos,
Os odios, e caricias,
Ternos *quindins*, denguices

Eu já cantei d' Almira;
Ah! faze, meiga Venus,
Que ella me dê amores,
Já que lhe dei a Lyra.

A NIZE.

O rosto de Nize amada,
Se c'os meus seus labios toco,
Surrindo-se envergonhada,
He qual matutina rosa
Pela Aurora rociada.

OUTRA.

Pretendes emcubrir, ó nescio amante,
O amor em que ardes todo,
Quando suspiras, e andas delirante!
Se assim não fora, o doce murmurio
Desta fonte, que Nize outr'ora honrara,
Nunca teus olhos humidos tornara!

A' Senhora D. J. de C., tocando Piano.

Nestes teus dedos, Pepita,
Morão Musas, morão Graças;
E para nossas desgraças,
Tambem Cupido, o frecheiro.

EPIGRAMMA

Ao Ministerio de L. de V.e do C. de V. V.

Do nosso Portugal o bom Rodrigo
Huma airoza boneca hia fazendo;
Só faltava vestil-a mais á tragica.
Mas eisque o máo Diabo,
Que a virtude aborrece,
Cruel borrasca, raios cem despede,
E dá com elle á costa.
Pedantes barregudos, grãos crianças,
De miolo vazios,
Do carunchozo Estado o leme tomam;
E apenas avistarão a boneca,
Contra ella furiosos
As unhas vão provar em continente.
Hum o braço lhe arranca, outro huma perna,
Em fim bramando de ira,
Hum co' a forte queixada que rtrincar-lhe
A pobre cabecinha. —

Desgraçada boneca! — Deos piedoso,
A homicida dentuça suspendei-lhe!
Não permittaes que acabe degolada
A misera Nação, e o Luso Imperio!

EPIGRAMMA.

(Imitado de Bernard.)

Dá-me hum beijo, Marina; apaga a chama
Que o peito meu consume.
« Pois bem, toma, Jozino. »
Novos dejezos brota o novo lume. —
Mais dois, Marina. — « Aqui os tens, mofino. »
O sangue se me inflamma!
Feliz serei, se quatro mais me deres.
« Desta vez te dou cem. » Prazer divino!
Ah que eu morro! « Então dize o queres? »

(Imitação de Anacreonte.)

Se nitidos montões de oiro invejado
Dos humanos a vida prolongassem,
Mil insanos trabalhos vergonhosos
Para ajuntalos eu soffrera hum anno;
E se a Morte cruel e cubiçoza
Visitar me viesse, eu repartira

Com ella dos thesouros meus feixados.
Maz se os doidos mortaes comprar não podem
D'entre os braços da Morte a cara vida,
Não hê loucura suspirar por oiro?
Contentes pois c'os bens que desfrutamos,
Namoremos, Amigos, e bebamos.

PARAPHRASE

DE PARTE DO CANTICO DOS CANTICOS.

O Esposo.

Ah dá-me, ó cara, os saborozos beijos
Dessa suave purpurina boca!
Quaes em torno das rosas orvalhadas
Abelhas diligentes, taes do accesso
Coração pullão férvidos dezejos.
Já meus vorazes beijos vão roubando
Balsamico thesouro sobre os labios
Em que Amor mora. A lingua sitibunda
De nectar divinal todo me inunda.
Mais jucundo que Arabigos perfumes
He o hálito teu, amada esposa!
Qual nova Phenix entre aromas puros
Arde comtigo já minha alma amante:
Arde, sim — mas ditozos seus ardores!
Pois para doces júbilos maiores
De novo resuscita, quando morre.

Tu de pombinha azul tens as pupillas :
Dois pomos crús, que o crú Amor nutrira,
Brincão no meio do expandido seio :
Elles, ó cara, são duas aljavas,
Donde mil corações Amor settea.
Vaidozas Graças mil cingem-te o corpo
Se passeias; e se ligeira corres,
Pareces viração que os trigos move.
Qual do prado rainha as flores vence
A fresca rosa, assim gentiz donzellas,
Quando te vem, de inveja amarellecem.
Cristal o collo, de ébano as madeixas;
Lindos jasmins os cándidos dentinhos;
Nos rubros beiços trazes mel e leite;
Faz deste mundo Ceo hum seu sorrizo.

A Esposa.

Meu doce Bem, ah cessem teus louvores;
Porque tal formosura eu não a tenho :
Sim, eu ardo de amor, mas não sou bella.
Comtigo só, comtigo, caro esposo,
Derreter-se de amor esta alma ancía.

Feliz serei, se o fogo meu te accende;
E serão paga minha os teus deleites.
Sim, hum so coração de dois façamos.
Com sympathico lume ambas as almas
Amor nos accendeo — tua sou toda:
Eu para ti, tu para mim nasceste.
Desde que os olhos teus para mim voltas,
O coração, qual raio, ah tu me abrazas.
Eu apenas respiro, perco as cores,
Ardo, esmoreço; fico toda amores.

EPITAFIOS.

Ao Poeta S....

Morreo Mevio desgraçado,
E desgraçado viveo:
Por mais que o pedia á todos,
Ninguem hum real lhe deo.

Ao P. J. A.

Jaz aqui Bavio enterrado;
Possa ser-lhe a terra leve:
Ah para ser execrado,
Que de trabalhos não teve?

Ao P. S.

Jaz aqui quem sempre fallou,
E depois que aqui está só se calou.

FABULA PERSIANA.

Queria tola gralha mui uſana
Da perdriz imitar o andar garboso;
Não o pode aprender, perdeo o seu.

DIALOGOS.

(Imitados de Champfort.)

I.

Nize não me quer mais ver. —
« E porque? » Porque zangado
Namoradeira a chamei.
« As pazes eu vou fazer. »
Tambem de feia a tachei.
« Pois então, Amigo, adeos. »

II. — Entre o Gallego e o Amo.

Meu amo, não foi possivel
Comprar-vos pescada hoje.
« E porque? » Atravessou-se
Hum Beca, que ma bifou. —
Aqui tens quatro moedas,
Compra a pescada e o Beca.

III.

Parece que sobre as Bellas
Não comes mais mocas já?
« Tens razão; » e eu te diria
O que penso a cerca dellas.
« Ah dize-o já sem tardar. »
Espera que he mais prudente
Guardar isto para velho.

A BARCA DE SIMÃO,

De D. Thomas Iriarte.

Teve Simão huma barca
Somente de pescador;
E somente como barca
A' seus filhos a deixou.

Maz elles tanto pescarão,
E tanto *gimbo* ganharão,
Que já tinhão por desprezo
Não mandar baixel maior.

Passou a barca á chaveco,
Logo á fragata passou;
E depois á náo de guerra
Que atroava terra e mar.

Maz já roto e velho o casco
Das tormentas que soffreo,
Apodrecia no porto:
Que mudança o tempo traz!

Mil vezes a tem crenado;
Maz por fim será melhor
Desmanchal-a, e contentar-nos
Com a barca de Simão.

ODE

DE OSSIAN.

Que triste escuridão! desemparada
Na serra me acho das tormentas: berrão
Sobre seu cume os ventos.
As aguas gemem pela penha abaixo;
E contra a chuva asilo não diviso,
Pobre de mim, coitada!

Aqui estou solitaria, aqui sentada
Sobre a rocha musgosa, sobranceira
A' margem da torrente.
Das aguas e dos nortes o ruido
Ouço somente, maz não ouço as vozes
Do doce amigo auzente!

Levanta-te ó Lua, ah sahe da nuvem;
E vos resplandecei, da noite Estrellas!
Talvez clarão benigno
Me poderá mostrar onde repousa

Da caça fatigado o caro amante
C'os rafeiros ao lado!

Porque não vens á mim, ó meu querido?
Ah porque tarda da collina o filho
Em cumprir a promessa?
Eis a arvore he esta; eis o regato....
Devias aqui estar antes da noite:
Assim mo prometteste.

O' vento para hum pouco: e tu suspende,
Regato, o teu rumor! minha voz se ouça
Pela verde planicie;
E do meu caçador fira os ouvidos.
Quem por ti brada; quem por ti suspira
Eu sou, meu caro amante!

Junto da arvore estou, sobre o penedo
Assinalado. — E porque, ó caro, tardas?
Ah ninguem me responde!
Emvão pálida a Lua a face mostra;
Emvão as aguas lá no valle brilhão!
De mim já te esqueceste.

Lá inda ao longe debilmente alveja
Aquella penha, que o caminho indica
Que outrora elle seguia. —
Mas atravez do cume eu não o vejo,
Nem os seus cães fieis e dianteiros!
Desemparada morro.

TRADUÇÃO

De dous pedaços da Theogonia de Hesiodo.

Advertencia.

Ousei traduzir estes dous pedaços da Theogonia de Hesiodo, por sêr este velho Poeta grego pouco conhecido, e estimado entre nós. Hesiodo he pelo menos tão antigo como Homero; e se devemos julgar pela sua Mythologia mais physica que historica, parece-me, que, ou lhe he anterior, ou ignorava a sua existencia, a pezar de que alguns criticos modernos o fação posterior á Homero, hum seculo pelo menos. Homero poetisou na Asia menor, então mais culta que a Grecia Europea, e á cujo bello clima deveo talvez a doçura de seus versos, e as imagens graciosas dos seos dous poemas. Hesiodo porem he o primeiro Poeta grego Europeo, á quem as Musas do Helicon, em cujas abas morava, inspirarão pela

primeira vez. As obras certas, que delle nos restão, são a sua Georgica intitulada, *Obras e Dias*, que imitou e excedeo depois o culto e grandioso Virgilio, e a sua *Theogonia*, ou geracão dos deoses, poema mytho-theologico, onde a pezar de secura enfadonha ha pedaços de grande valentia, e sublimidade. Nella reunio, e coordenou os mythos, e tradiçoens oraes dos diversos povos e regioens da Grecia, inserindo nelles os germens da philosophia physica e theologica dos sabedores d'então, para explicar as maravilhas do mundo, e firmar melhor a sociedade civil. Os hymnos ou Ladainhas Orphicas receberão delle nova forma e novo ornato, nova alma, e imagens de alta poesia, cujas engenhosas allegorias dilucidarão, e aformosearão cada vez mais os poetas que se lhe seguirão.

BATALHA

ENTRE OS TITANOS E OS DEOSES.

V. 629, *e seguintes.*

E certo batalharão largo tempo
Titanios Deoses, e os Saturnios filhos,
E derão-se entre si combates horridos:
D'Othris alta os Titanos gloriosos,
E lá no Olympo os Deoses bemfeitores,
(Que de Crono gerou, de tranças bellas
Rhéa) dez annos entre si pelejão
Guerra crua, de sorte duvidosa;
E os combates sem fim assim duravão.
Mas desque lhes deo Jove, o que éra justo,
Ambrosia divinal, e nectar puro,
De que os Deoses se nutrem, generosa
Cresceo a audacia em todos. E ja fartos
Sendo d'ambrosia e nectar saboroso,
Dos homens, e dos Numes diz o Padre:
Ouvime pois, ó vós de Ceo e Terra

Inclyta prole, ouvi-me o quanto dicta,
E manda esta alma, que no peito trago.
Ha muito já, que de continuo andamos
Pela victoria, e mando batalhando
E os Titanos, e os que de Crono vimos:
He tempo já, que força, e mãos invictas
Contra os Titanos, na pesada guerra,
Mostreis agora; e recordeis de novo
A placida amizade, e tudo quanto
Depois de livres das prizoens infames
Dos calabouços horridos das trévas
Gosais de bens, por nossa só vontade.
Assim fallou. Replica Cotto illustre:
Tu não dizes, ó Deos, cousas ignotas:
Todos sabemos, que em prudencia e siso
Ninguem te iguala. Tu somente foste,
Que libertaste dos horrendos males
Os Immortaes. Por teu saber profundo
Da escuridão, e dos grilhoens sahimos.
Que de penas incriveis não soffremos,
Almo filho de Crono! Agora cumpre
Com forte coração, acerto e manha

Vingar o vosso Imperio em dura guerra
Contra os Titanos. Disse; e os bemfazejos
Deuses ouvindo-o, o seu dizer louvarão.

A Styge. V. 775, e seguintes.

Mora neste logar horrida Styge
Tremenda aos Deoses, filha do Oceano
Primogenita! E tem inclyto alcaçar
Longe dos Immortaes, cuberto todo
De lagedos ingentes, rodeado
Por argenteas columnas, que o sustentão.
Poucas vezes a Filha de Taumante
Leve adeja do mar sobre as espadoas,
Quando entre os Deoses surge alta contenda:
Mas se d'entre elles ha quem minta, manda
Jove súbito á Iris, que lhes traga
Em aureo vaso aquella agua famosa,
(Grande jura dos Deoses!) que resumbra
De alta rocha, depois que do Oceano
Longo espaço corrêra subterranea
Pelo seio profundo. — E porem dizem,
Que he de toda ella só a parte decima;
O resto se revolve no regaço

Do vastissimo mar, e em torno á Terra
Em vortices de prata; e a outra parte
Em grão damno dos Deoses só goteja.
Se por esta jurou, e foi perjuro
Qualquer dos Immortaes, que o frio cume
Do Olympo habita, por hum anno inteiro
Inerte jaz então, sem tino e acordo:
Nem para elle ha já ambrosia, ou nectar;
Mas sobre o leito jaz sopito, e mudo.
Passado havendo deste mal o tempo,
A' primeira sua dór maior succede.
Desterrado do Ceo nove annos anda;
Nem jamais he chamado ao grão Concelho,
Ou á mesa dos Deoses. — Em dez annos
Volta por fim ás divinaes moradas.
Tal he da velha Styge a agua perenne,
Por onde os Deoses jurão. Ella banha
Aridos chãos. — Alli da tenebrosa
Terra, e do inexhausto esteril Ponto,
E do Polo estrellado estão por ordem
As fontes, e as esqualidas, infaustas
Raias, que os mesmos Numes aborrecem.

ODE PRIMEIRA

Das Olympicas de Pindaro.

ADVERTENCIA.

ABALANCEI-ME á traduzir esta Ode, por vêr que do maior e mais sublime dos Lyricos antigos não tinhamos versão algúa boa, ou má, em verso ou prosa. He lastima, que tendo nós tantas Odes pseudo-Pindaricas, não saibamos ainda, o que sejão realmente Odes de Pindaro, nem qual a sua maneira de poetar. He inutil talvez repetir aqui, que Pindaro a pezar de nascer entre os Beocios, taixados *de gorda e crassa Minerva*, foi sempre reputado entre os Gregos pelo maior Poeta do seu genero. Esta opinião nacional acha-se tambem sanccionada pelos criticos Latinos; e bastará lêr o que delle diz Quintiliano, e o que delle cantou o maior dos lyricos Romanos. Entre os modernos, que podem ter voto decisivo

na materia, Inglezes e Allemaens são seos Enthusiastas, não obstante que quasi toda a harmonia de seos versos he perdida para ouvidos do tempo d'agora. Os mesmos Romanos, entre os quaes florescia a lingua Grega, pela indole diversa da latina, não poderião já sentir, e saborear inteiramente as bellezas de collocação as chamas do estro, e a ouzadia das figuras, e metaphoras, que muito tem da antiga Poesia Hebraica. Para fazer-mos porem algúa idea das profundas e deliciosas sensaçoens, que excitarião os sublimes canticos de Pindaro, devemos lembrar-nos, que entre todas as naçoens cultas da antiguidade nenhuma havia mais enthusiastica da musica, e da poesia, do que a Grega; devemos attender, que huma victoria alcançada no Estadio Olympico, por exemplo, era tal vez de maior valia, que as do campo de Marte; e finalmente, que a Poesia andava sempre acompanhada pela Musica, e muitas vezes pela Dança. Sem estas consideraçoens, muitos dos rasgos, e vóos Pindaricos

parecerão antes á alguns modernos partos de embriaguez, ou de cerebro desconcertado, do que inspiraçoens de Apollo. Porem para os Gregos d'então que electricismo forte lhes não causaria o só pannejamento das ideas, o dezenho, claro-oscuro, e proporçoens dos pensamentos e imagens, as continuas allusoens historicas e mythicas, e sobre tudo o rhythmo e melodia poetica de huã lingua, que não tinha, e nem terá outra igual em todo o mundo.

Das numerosas obras poeticas de Pindaro somente nos restão varias Odes em louvor dos vencedores, que alcançarão a palma da luta, e das carreiras equestres ou pedestres nos jogos publicos e geraes da Grecia. He de advertir porem, que aquellas mesmas victorias só servião á Pindaro de estimulo e motivo para desferir sublimes e variados cantos. Nelles o Poeta divaga livre e soltamente pela mythologia dos Heroes e Semideoses, que fundarão cidades, e civilisarão povos; pelas tradiçoens

historicas, que realçavão a patria dos triumfadores, ou os lugares dos mesmos jogos; porem ao mesmo tempo não se esquece de celebrar as virtudes dos vencedores, quando as possuião dignas de memoria. He de tudo isto junto, que Pindaro tece a têa de suas Odes, dando-lhe ainda novo realce e alma com rasgos sublimes de moral, e de Religiosidade. Permitta-se me esta nova palavra, tomada aos Allemaens; visto que Religiosidade e Religião são cousas differentes : hum homem pode seguir huma heresia, e todavia sêr muito religioso, e *vice versa*. Para-com Pindaro os Deoses da gentilidade não são Entes lascivos, caprichosos, e vingativos, mas justos e benignos, authores, conservadores, e regedores do nosso mundo, a quem devião os Gregos reverenciar e adorar, e não calumniar e ridiculizar, como fizerão Euripides, e outros Poetas posteriores. He quanto basta, para que o leitor instruido e de gosto possa fazer idea do genio e indole das poesias de Pindaro; e só

accrescentarei, que não acho pintura mais adequada do genero Pindarico, que a de Shakespeare, quando descreve o Poeta em geral.

The Poet's eye, in a fine frenzy rolling,
Doth glance from heaven to earth, from earth to heaven.
And as Imagination bodies forth
The forms of the dings unknown, the Poet's pen
Turns them to shapes, and gives to ayry nothing
A local habitation, and a name.

He justo porem, antes que acabe esta Advertencia, dizer algúa cousa desta minha traducção. Bem sabia eu, antes de a começar, que a lingua Portugueza rarissimas vezes pode igualar ao laconismo e energia da Grega; e todavia he a lingua Portugueza bella, rica e sonora; menos dura e surda que a Allemãa e Ingleza; mais energica e variada ao ouvido que a Italiana; mais suave e natural que a Castelhana, e superior em tudo á Franceza que hé mais propria para os chistes e gentillezas de sallas de senhoras, que para exprimir sensaçoens fortes e grandiosas, ou para pintar ima-

gens poeticas atrevidas e novas; mais propria emfim para as danças de Venus, que para os vóos dithyrambicos de Bassareo.

Permitta-se me alargar aqui alguma cousa mais o discurso para desengano de muitos de meus leitores preocupados. Com effeito, ninguem pode duvidar que a lingua Franceza he muito regular e logica, e optima para obras scientificas e discursos academicos; mas por isso mesmo muito captiva e sopeada para o estro lyrico. A construcção peculiar dos seos periodos, e a falta de inversão se oppoem tambem muito á pancada electrica, que só dão as ideas dos vocabulos, quando são postos em lugar proprio. Por desgraça dos escriptores Francezes, o dialecto sonoro Provençal houve de ceder o passo ao surdo e retalhado dos Picardos e Normandos; e a lingua do bello seculo de Luiz XIV ficou mais monosyllabica e monotonica, do que convinha ao rhythmo e melodia da Musica e Poesia. Não podendo seus Poetas pelo só numero e medida dos versos

deleitar o ouvido, e excitar a attenção, fizerão-se escravos da *rima*, e recorrerão á anthiteses e agudezas, que enfastião pela sua repetição, e pelo *non erat hic locus*: em huã palavra, entre os Francezes verso e *rima* he huã e a mesma cousa, assim como nos Centauros da Mythologia, o homem e o cavallo. De mais o seu verso heroico he huã copula forçada e cançada de versos de seis syllabas, ligados dous á dous; e o mesmo saõ os decasyllabos. Ambos elles saõ por isso tambem mais proprios para Epigrammas e Satiras, que para composiçoens grandiosas e chêas de estro. A facilidade e clareza, que ninguem pode negar ao Francez, todavia pouco ou nada ajudão aos vóos da fantesia, ao fogo dos affectos, e aos extases do ouvido, que somente podem causar o rhythmo do verso, e a melodia natural dos sons. E como poderião ainda os seos melhores lyricos imitar em suas Odes o *os rotundum, et magna sonaturum* de Pindaro, como se explica Horacio? Daqui vem que João Bap-

tista Rousseau, que passa com razão pelo seu melhor Poeta lyrico, se brilha as vezes como phosphoro, nunca me extasiou, ou fez bater o coração: quando Pindaro chameja e queima, elle só luz, e faisca por momentos.

A pezar porem do merito da lingua Portugueza, ou por incapacidade minha, ou por falhas de ella, foi-me mui difficil, ou quasi impossivel, sem aguar os pensamentos, ou despedaçar o gigante para criar pigmeos, traduzir á Pindaro com fidelidade, nobreza e laconismo, mórmente nos epithetos compostos, que muitas vezes hum só delles forma hum painel completo. Como poderemos em linguagem, sem paraphrase emsossa e fria, verter, por exemplo, a bella Invocação á Jupiter da Ode Iª das Olympicas.

Elater brontas akamantopodos.

(*Vibrante-agitador do-raio de-incansaveis pés.*)

Ondeacharemos nos huá só palavra que exprima a energia do *Elater*, e outra que pinte

ao ouvido a rapidez gallopante dos dous anapestos do epitheto *ăkămāntŏpŏdŏs*. Para podermos pois traduzir dignamente a Pindaro, ser-nos-hia preciso enriquecer primeiro a lingua com muitos vocabulos novos, principalmente compostos, como provavelmente fizerão os mesmos Homero e Pindaro para com a sua: se por fatalidade nossa o immortal Camoens, que tanto tirou do Latim e Italiano, não ignorasse o Grego, certo teria dado ao seu Poema maior força e laconismo, e á lingua Portugueza maior emphase e riqueza. Nos já temos muitos vocabulos compostos tirados do Latim, e porque não faremos, e adoptaremos muitos outros, tanto ou mais necessarios em poesia, como por exemplo, *Auricómada*, *Roxicomada*, *Boquirubra*, *Braccirosea*, *Olhinegra*, *Olhiamorosa*, *Argentipede*, *Tranciloira*, *Docirisonha*, *Docifallante*, etc. etc. Ousem pois os futuros Ingenhos Brasileiros, agora que se abre nova epocha no vasto e nascente Imperio do Brasil á lingua Portugueza, dar este

nobre exemplo; e fico, que a pezar de franzirem o beiço Puristas acanhados, chegará o Portuguez, já bello e rico agora, á rivalisar em ardimento e concizão com a lingua latina, de que traz a origem.

Para este meu primeiro ensaio não me foi possivel em Bordeos nas minhas actuaes circunstancias, valer-me dos traductores Inglezes e Allemaens, e só pude consultar a *Gedicke*, que muito me servio para a boa intelligencia, e critica do texto. Senti muito não poder ler de novo a versão de *Voss*, porque prézo muito as suas traducçoens poeticas, bem que muitas vezes seja nellas algum tanto duro, e pouco natural; mas quanto ás versoens Inglezas e Italianas, creio que pouco perdi, se devo dar credito ao que dellas escreverão os criticos, que li. Não consultei as Francezas pelas razoens já acima apontadas; e bastará dizer, que Blondel principia esta ode com o risivel começo. *C'est une chose excellente que l'eau.* Fr. Luiz de Leon, que tenho por hum dos

melhores Lyricos da Hespanha, na traducção desta Ode deo-nos huá paraphrase insulsa, e muitos vezes infiel : busquei nella a Pindaro, e não achei sequer o estro e força da *Profeciado Tejo*.

Ficão expostas as difficuldades, que tive de vencer na versão desta, e outras Odes de Pindaro, em que trabalho. Se ella fosse muito atada á lettra, seria mâ pelo barbarismo da fraze, e inintelligivel pela obscurisade do estillo; se muito solta e livre, não seria então traducção, mas sim huã paraphrase, ou composição minha. Procurei por tanto, quando não podia emparelhar com Pindaro na carreira, não desviar-me ao menos do seu trilho, caminhando pelas suas mesmas pegadas; ou como honrado devedor, já que não podia pagar na mesma moeda recebida, busquei, quanto en mim coube, satisfazer en outra de igual quilate e pezo. Finalmente vai esta traducção accompanhada de alguãs notas, que me parecerão de absoluta necessidade para sua melhor intelligencia. Fi-

carei contente, quanto este meu ensaio não agrade á muitos dos meus leitores, que ao menos os excite á que façáo melhor.

ODE I.ª

DAS OLYMPICAS DE PINDARO.

Ao Siracusio Hieron (1).

A primazia tem dos Elementos
A agoa; (2) e qual em noite escura chama,
Que estrepitosa ondea,
Entre a soberba das riquezas o oiro
Brilha: porem se queres,
O' mente minha, celebrar victorias,
Outro não busques astro, que te inflamme
Mais docemente que o explendor diurno
Do sol, quando raiando
Os páramos ethereos atravessa:
Nem mais famosas lides,
Que os combates de Olympia.

Elles com hymnos fervidos dominão
O espirito do vate,
Quando discantão o saturnio Jove (3)
No rico de Hieron ditoso alcaçar:

ieron, que o sceptro da justiça rege
m Sicilia, de mil manadas prenhe.
li cada virtude flores colhe; (4)
E em fulgido atavio
e melodicos cantos resplandece,
Se na hospedeira mesa
Em torno o celebramos (5).

a pois, arranquemos do alto muro
O Dorico alaúde; (6)
que de Pisa e Pherenico a fama (7)
e júbilo suave o peito me enche.
Ah! como leve sem espora vóa
Pelas margens do Alpheo, (8)
ıando lâ ao seio do triumfo leva
seu senhor, o Siracusio Princepe,
Que com ginetes folga!
seu renome raia na cidade
Madre de heroes fecunda,
o grão Lydico Pelope colonia;
quem o forte abarcador da terra,
ptuno, amou outrora, quando Clotho,

Luzindo o eburneo hombro, (9)
Da caldeira o tirara.

Ah sim, podemos crer que ha maravilhas;
Mas quantas vezes contos
Enganão os mortaes c'o variado
Ornato fabuloso!
Magico toque da Ficção, que adoça
Dos homens o pezar, os mythos veste
De roçagantes respeitaveis roupas,
E ao incrivel dâ crença:
Mas a serie do tempo hê quem somente
A verdade afianca.
Fallem os homens com respeito ao menos
Dos immortaes celicolas;
Menor então hê a culpa.

Agora pois de ti cantar eu quero
O que ninguem cantou, Filho de Tántalo.
Então quando teu pai na cara Sypilo (10)
Os divos convidara
A' banquetes alternos, o potente
Tridentifero Deos profunda chaga

De amor sentio no peito;
E a ti, a quem roubara
Sobre o seu carro d'oiro ao grão Palacio
Te conduzio de Jove
Largamente-adorado, onde já antes
A' iguaes serviços fora
Roubado Ganymedes (11).

Tantalide, de ti ninguem sabia;
Nem mortal curioso á mãe afflicta
Noticia algúa dava:
Só vizinho invejozo se aprazia
Com escuro boato, de que os Deoses
Talhando o corpo teu em mil pedaços,
Em agoa recozidos,
Por sobremesa tinhão devorado (12).
Oh! que loucura insana
De infame gula enxovalhar os Deoses!
Já de medo estremeço!
Ao máledico empolga ira Divina.

Se do Olympo os senhores algum dia,
Mortal algum honrarão,

Tántalo foi hum destes, não duvides.
Mas ah! que não digere immensa dita
O coração humano! Do soberbo
Com grave braço armado
Lançou mão a Vindicta; e Jove irado
Sobre o triste ligou cadente penha,
Que de balde forceja eternamente
Da cabeça arrojar: eternamente
Foge d'elle a alegria.

Assim com seus tres socios desgraçados (13)
O quarto afflicto passa
Em ais continuos vida abandonada.
A ambrósia e nectar, que roubara aos Deoses,
E que immortal o tornão,
Vaidoso regalou á mortaes hóspedes.
Loucura enganadora, emvão presumes
Teus feitos esconder á olho Divino!
Os Inmortaes então severos volvem
A' perecedoira humana especie o filho.
Mas quando o loiro buço
Da flórida amorosa Juventude

A parda barba lhe cercava em torno,
O coração lhe bate
Pelo terno consorcio apetecido
Da linda Hippodamía,
Do Rei Pisano filha.

No negrume da noite solitario
Pelas praias do mar anda vagando;
E em altos brados ao terrivel clama
Neptuno tridentifero:
Já se avizinha o Deos, e elle assim ora:
« Eia, Neptuno, diz, se os dons sagrados
» Da Paphia te commovem,
» Ah! sustem de Enomáo a bronzea lança! (14)
» Para Elide me envia
» Súbito o carro teu. Com teu amparo
» Apanharei Victoria.
» Já forão treze namorados Jovens
» Da lança traspassados;
» E todavia o barbaro demora
» Da bella filha as nupcias.
» Nunca nobres perigos assaltarão

» Afeminados peitos;
» E se morrer devemos,
» Porque de balde alguem gastar a vida
» Ingloria quererá no escuro seio
» Do oprobrio, não cuidozo
» Das heroicas acções? Não, o Combate
» Eu o vou arriscar, e tu benigno
» Ditoso fim concede.

Assim falla o mancebo, e se apodera
Da alma do Deos co'o não baldado rogo.
Em jubilo se accende,
Eis já lhe empresta o Deos doirado carro,
E incansaveis cavallos voadores.

Assim escapa de Enomáo a sanha,
E a donzella conquista,
Que seis filhos lhe dera
Famosos Reis, e de virtudes ricos.
E mil valiosas victimas agora
Em honra sua fumão, dormitando
A' corrente do Alpheo:
E os combates Olympicos em torno

O seu tumulo afamão
Junto do altar sagrado, que visitão
Bando de forasteiros.

A gloria e fama das Pisanas Lides
Ao longe resplandecem
De Pelope no estadio,
Onde os rápidos pés correm, porfião,
E forças juveniz co' afinco lutão:
E na carreira equestre
Júbilo doce o vencedor ajunta
Aos longos annos. Ah e que prazeres
Maiores há, mais puros do que aquelles
Que cada dia voltão?
Eia pois hoje ao vencedor teçamos
Nobre grinalda de cançoens Eolicas (15)
Segundo a lei do Estadio.

Ninguem ao hospede meu, ao meu amigo
Entre os viventes ousará negar-lhe
De sabio e poderozo a primazia:
Ninguem certo merece
Em sonoro alaúde

Por mim cantado ser mais do que elle.

Deidade protectora
Com meigo coração os teus dezejos
Baseja; e se durar celeste amparo
(Assim o espera a mente)
Eu tambem o Saturnio outeiro subo (16),
Que o sol tanto allumia.
Das canções immortaes calcando a senda,
O carro teu celebrarei rodante;
E altivo cantarei, Hieron ditoso,
A ti suaves hymnos;
Que já me empluma a Musa
De novas forças a potente frecha.

A' cousas desvairadas se abalanção
Aqui e ali os homens;
Mas aos Reis alto cume so torrea.
Os olhos não abaixes;
Marcha constante á cavalgar a altura;
Que eu marcharei á par dos vencedores,
Com meu ousado canto allumiando
A Grecia toda inteira.

NOTAS.

(1) O Scholiaste de Pindaro, e com elle alguns commentadores poem esta victoria de Hieron na 73ª Olympiada, e por conseguinte en tempo que Hieron nem sequer regia a Gella, quanto mais a Siracusa. O titulo porem de *Siracusio* que lhe dá Pindaro, e outras passagens desta Ode, mostrão o contrario; e por isso sigo a emenda que fez Heine, lendo Olympiada 74ª ou 75ª, em vez de 73ª como traz o Scholiaste. Deste modo tudo se concilia.

(2) Aqui allude Pindaro a philosophia de Thales Milesio, que ensinava ser a agoa a base e origem de todos os corpos do nosso globo.

(3) Como os jogos Olympicos erão principalmente consagrados á Jupiter, por isso os Poetas convidados ao banquete de Hieron o celebravão á mesa.

(4) *A arete* dos Gregos he o mesmo que a *virtus* dos Latinos; mas não propriamente o que ora chamão *virtude* os Moralistas e Theologos. Pindaro a tomava por aquella valentia corporal, e firmeza de animo, que muito prezavão Gregos e Romanos.

(5) Era costume entre os Gregos, que os Poetas convidados á banquete cantassem por turno os lou-

vores do dono da casa; e para isso circulava o alaude ou lyra pelas mãos de todos.

(6) O epitheto de *Dorico*, de que se serve Pindaro, indica que o estillo ou genero musical, em que cantara esta Ode, fora o Dorico, que entre os outros tres, Jonico, Lydico e Phrygio, era o mais pomposo e sublime.

(7) *Pisa* he o nome antigo de Olympia, e *Pherenico* (victorifero) o do cavallo vencedor.

(8) Nenhum Poeta deixa de fallar no Alpheo; mas talvez muitos ignorem ser hum rio da Elide na Grecia, o qual corria perto do Estadio Olympico. O districto da Elide e a cidade Olympia estavão no Peloponeso (Ilha de Pelope).

(9) Para melhor intelligencia do Author, cumpre saber o que fabulava a mythologia acerca de Pelope e de Tantalo, seu pai. Este Rei da Lydia tendo sido banqueteado pelos Deoses, os convidou tambem á sua mesa; e para os regalar, talhou em pedacos a Pelope seu filho, e conzinhados estes poz na mesa. Jupiter percebeo o infame engano, e fazendo ajuntar todos os pedaços, os fez de novo cozer na caldeira, donde Clotho, huma das Parcas!, tirou vivo á Pelope; mas como a faminta Ceres já tinha devorado hum dos seus hombros, deu-lhe a Parca outro de marfim.

(10) *Sypilo* he hum monte da Lydia na Asia menor, hoje Anatolia, em cujas abas havia huma cidade do mesmo nome.

(11) *Ganymedes* foi hum Princepe Troiano, que pela sua grande formosura fora roubado, e conduzido ao Olympo, onde servia de copeiro na mesa dos Deoses.

(12) Esta fabula regeita com indignacão Pindaro, e dá mais asisada causa ao castigo de Tantalo, em que depois falla. Esta fabula he contada differentemente pelos Poetas; e Píndaro segue huma opinião pouco vulgar, bem que já ella se acha em hum fragmento que nos resta do Poeta Archiloco.

(13) Os tres companheiros da desdita de Tantalo são Sysipho, Tityo e Ixion, cujas fabulas são bem sabidas, e por isso inuteis de repetir.

(14) Enomáo (*OEnomaos*), Rei da Elide, e por conseguinte tambem de Pisa ou Olympia, teve huma filha, a mais bella e linda rapariga do seu tempo, que he a Hippodamia, namorada por Pelope. Para obter-la em casamento, devião os pertendentes combater com seu Pai na carreira equestre. A pezar do grande perigo, a que se expunhão de morte quasi certa, já tinhão sido vencidos e mortos 13 Princepes que a pertenderão. Pelope porem ajudado de Neptuno, o Deos

criador do cavallo, e como dizem, animado pela sua namorada, que o acompanhava no carro, obteve a victoria. Outros Mythologos querem que Pelope muito devera ao cocheiro de Enomáo, que talvez voltara o carro no meio da carreira.

(15) Canção *Eolica* quer dizer canção Thebana, pois Pindaro era natural de Thebas, cidade povoada antigamente pelos Eolios.

(16) Este oiteiro era vizinho ao Estadio, e delle muitos vião os jogos e combates Olympicos.

A PRIMAVERA.

Idyllio traduzido do Grego.

ADVERTENCIA.

Foi este lindo Idyllio composto en Grego pelo Poeta Meleagro, natural de Gadera na Syria, que floresceo hum seculo, com pouca differença, antes do nascimento de Christo. Pela primeira vez o imprimio em Roma, no anno de 1759 em 4°, o senhor João Baptista Zenobetti, que o tirou de hum codice manuscripto, que da Bibliotheca Palatina passara para a do Vaticano; e o traduzio e commentou amplamente. Como porem não pudesse eu consultar esta bella edição, servi-me do texto Grego sem espiritos nem accentos, e da versão Latina, como vem na Obra periodica, que outr'ora se publicava em Berne como titulo: *Excerptum totius Italicæ, necnon Helveticæ litteraturæ*, no tomo 4.° do anno de 1750. Tanto mais sinto a falta da edição do senhor

Zenobetti, quanto he o texto assaz corrompido em hum lugar, bem que todavia não damne a corrupção ao sentido do mesmo texto. Muito mais me he para sentir o não haver eu podido ainda alcançar a excellente edição de Meleagro, que deo á luz o senhor Graefe, professor do Instituto pedagogico de Petersburgo : já que de hum Helenista tão consumado, e tão habil e pratico na poesia Grega, como elle he, de esperar era, que corrigisse o referido lugar de huma maneira plenamente satisfactoria aos entendidos do Grego. Nesta minha traducção procurei, quanto em mim foi, ser fiel, e chegado ao texto; sem contudo ser duro e inintelligivel, como não raras vezes tem acontecido á algumas modernas versoens Portuguezas de antigos classicos. Se esta traduccão der tanto gosto aos leitores, quanto me deo a lição de seu original, ficarei por certo satisfeito; quando não, foi isso trabalho perdido e de poucas horas, de que me não arrependo.

IDYLLIO.

Já do Ether fugio ventoso Inverno,
E da florida Primavera a hora
Purpurea rio : de verde herva mimosa
A terra denegrida se corôa.
Bebem os prados já liquido orvalho,
Com que medrão as plantas, e festejão
Os abertos botoens das novas rosas.
Com os asperos sons da frauta rude
Folga o Serrano, o Pegureiro folga
Com os alvos recentes cabretinhos.
Já sulcão Nautas estendidas ondas;
E Favonio innocente as velas bója
As Menades, cubertas as cabeças
Da flor d'hera, tres vezes enrolada,
Do uvifero Baccho Orgias celebrão.
A geração bovina das Abelhas
Seos trabalhos completa; já produzem
Formoso mel; nos favos repousadas
Candida cera multiplicão. Cantão

Por toda a parte as sonorosas aves;
Nas ondas o Alcyão; em torno aos tectos
Canta a Andorinha; canta o branco Cysne
Na ribanceira, e o Rouxinol no bosque.
Se pois as plantas lédas reverdecem;
Floresce a Terra; o Guardador a frauta
Tange, e folga co' as maçãas folhudas;
Se aves gorgeão, se as abelhas crião,
Navegão Nautas, Baccho guia os choros;
Por que não cantará tambem o Vate
A risonha, formosa Primavera?

PARAPHRASE

De parte do Psalmo 18.

Mas eis já, que prodigio! de repente
A terra muge, pavida tremendo:
Os valles mugem; as montanhas todas
Ondêão mal seguras nas raizes:
E quem resistir pode
De hum Deos á accesa ira?
Já tudo cerca devorante fogo:
Nos ares boião denegridos globos
De basto fumo. Em vivas brazas arde
O Polo todo inteiro.
Ah quem será? Os eixos das espheras
Já se lhe abaixão — densas nuvens cobrem
Os pés seos rapidos!
Sobre incansavel (1) Cherubim montado,
Gallopa e vóa; mas eis que para, e ergue

(1) O *Cherub* dos Poetas Hebreos parece ser a *Sphinge* alada dos Egypcios, donde os Gregos fizerão o seu *Pegaso*.

Grão pavilhão, em que se occulta. Em torno
Que pavorosa escuridão o cerca,
E fusco veo de nuvens bastas, gravidas
De mil cinzentas aguas! Ah já fogem
Súbito as nuvens! Resistir não podem
Ao scintillar dos turbidos sobrolhos
Do grande Deos irado; á hum seu aceno
Já se desfazem em torrentes d'agua.

RESTO

De huma traducção de Ossian.

Ao pé de alto rochedo alcantilado
No cume da montanha,
Debaixo de hum carvalho carcomido
Ossian, de Fingal derradeiro filho,
Já velho, sobre o musgo repousava.
A loira crespa barba
Agitada do vento lhe ondeava;
Sósinho, pensativo,
Já privado da vista, elle escutava
A voz medonha do tufão do Norte.
Negra tristeza então lhe assalta o peito,
E a chorar os mortos seus assim começa:
Eis te cahido, qual hum grão carvalho,
Cercado de seus ramos?
Onde, ó Rei Fingal, onde estás ó padre?
Onde estás tu, Oscúr, ó filho amado?
Onde estão os meus todos?
Ah, repousão na terra! embalde os braços

Estendo, e com mão gelada apalpo
O tumulo já frio: só a torrente
Ouvindo estou, que brame furiosa
Na pedra sepulchral, que as cinzas cobre!
Que me queres dizer negra torrente?
Lembranças do passado me apresentas.
Filhos de Fingal nestas margens erão
Qual matta espessa em chão succoso e rico
Agudos ferros suas lanças erão.
Bem temerario, quem oppor-se ousava
Ao seu furor e raiva!
Fillán o grande estava aqui. Tu estavas
Oscúr, meu charo filho!
Aqui estava o potente e nobre Fingal
Co' a fronte branca de velhice honrada;
Sobre as membrudas pernas se firmava,
Suas largas espadoas presentando.

.....

TRADUCÇÃO

Do principio da 1ª Noite de Young.

Comfôrto da cansada naturcza
Somno suave! Qual o mundo, paga
Onde fortuna vi, prompto a visita.
Elle abandona os infelizes, — foge,
Batendo as brandas azas, do infortunio;
E pousa sobre os olhos não manchados
Por húa meiga lagrima somente.
De breve e triste somno interrompido
(Qual meu costume) acórdo. Ah quão felizes
Aquelles são, que nunca mais acórdão!
De hum mar de sonhos resurgindo acórdo
Tumultuosos: onde o pensamento
Misero, atassalhado, erra sem tino
De onda em onda de mil imaginados
Males, perdido da razão o leme!
Bem que agora já livre, he só mudança
(Amargosa mudança!) de pezares
Severos inda mais! O dia inteiro

A' meos males tão curto! e a noite ainda
Lá no zenith do seu dominio escuro,
Qual sol em meio dia resplandece;
E as côres aviventa do meu fado.
O' Noite, ó atra Deosa! com sombria
Funerea pompa, lá do throno d'ebano
Agora sobre o mundo amadornado
O plumbeo sceptro estendes! Que silencio
Mortifero! Que trevas! quão profundas!
Não acha objecto a vista, ou o ouvido attento:
Ah dorme a criação — bem como o pulso
Geral da vida se parasse hum pouco
E húa pausa fizera a Natureza!
Tremenda pausa! de seu fim prophetica.
Possa já realisar-se a Prophecia!
Fado, ah por piedade o panno abaixa,
Pois que para perder, mais nada tenho.

....

TYTIRO.

Idyllio primeiro de Virgilio, traduzido em verso Portuguez.

ADVERTENCIA.

Não chamo as Bucolicas de Virgilio *Eclogas*, mas sim Idyllios como os de Theocrito, á quem imita; porque a palavra *Ecloga* em Grego não significa em geral poesia pastoril, mas somente *obra escolhida* entre outras varias. Hé provavel que os Grammaticos antigos, Commentadores e explanadores de Virgilio, pelo primor da obra lhe dessem este nome: nome que depois foi exclusivamente applicado á taes composiçoens. Para a boa inteligencia deste bello Idyllio cumpre em primeiro lugar saber, que elle fora composto no outono do anno de 713 da fundação de Roma, sendo Consules Lucio Antonio e Publio Servilio Isaurico, tendo Virgilio 28 ou 29 annos de idade. Nelle

agradece o Poeta a conservação da sua pequena herdade de Andes, junto á Mantua, cidade principal da Gallia Cisalpina, ou Italia superior, pois que as ademais terras dos Termos da mesma Mantua e de Cremona tinhão sido confiscadas e repartidas arbitrariamente pelos soldados veteranos de Octaviano Cesar e Marco-Antonio, depois da batalha e victoria de Philippos contra Bruto e Cassio.

Para fazer patente, e realçar a clemencia de Augusto, faz Virgilio figurar no Idyllio a Tytiro, Velho Abegão e Pastor da sua herdade, que finge ter hido á Roma implorar sua alforria, e a conservação da Fazenda, em cuja cultivação e amanho tinha envelhecido. Não hé precizo pois recorrer á allegorias ineptas e arbitrarias, que injurião o bom juizo do Poeta, como o tem feito ate agora a maior parte dos scholiastes e commentadores. Galatea não hé Mantua, nem Amaryllis Roma; são duas servas ou Camponezas, que successivamente viverão em contubernio com Tytiro. Este abegão não

hé tambem Virgilio; hé hum servo já idozo á quem por costume de superioridade, e por bondade dá Augusto o nome de rapaz.

Procurei nesta minha traducção conservar o typo dos Idyllios Virgilianos, isto he, a naturalidade sem baixeza, e a nobreza de estillo sem inchação nem requintes de agudezas; fugindo com esmero dos dois extremos viciosos, escravidão litteral, e desenfreada liberdade. A vista disto, compare o leitor esta versão com a de Leonel da Costa, Candido Lusitano, e Malhão, e decida se perdi o meu tempo.

Rogo-lhe tambem que para melhor avaliar a concisão da copia, haja de lembrar-se que a lingoa Latina não tem artigos, nem particulas de casos, nem tempos compostos de verbos, como a Portugueza: e demais advirta que o Exametro Latino tem em cada verso as vezes mais de quinze syllabas, quando o verso heroico Portuguez só tem 10, ou 11 quando muito; e não se esqueça igualmente das outras causas, que necesariamente alongão qualquer

traducção poetica, mórmente de textos Gregos e Latinos.

Se este meu pequeno trabalho merecer alguma aprovação, prometto publicar os outros nove Idyllios que restão, acompanhados das notas criticas, scientificas, e estheticas, que necessario forem para plena inteligencia e sabor de hum Poeta, como Virgilio.

TYTIRO.

MELIBEO.

Tu debaixo da copa recostado
Da larga faia, ó Tytiro, te ensejas
Em leve canna na silvestre musa:
O paterno recinto, e as doces lavras
Deixamos nós; da Patria nós fugimos.
Tu, ó Tytiro, á sombra repousado
Fazes o nome de Amaryllis bella.
Nos bosques resoar!

TYTIRO.

O' Melibeo,
Hum Deos nos outorgou este descanço:
Para mim elle sempre hum Deos será;
E seu altar mais de huma vez c'o sangue
Dos proprios anhos tingirei devoto.
Elle me concedeo, que minhas vacas
Livres e soltas, como vés, pastassem:
Elle me concedeo estar agora
Na agreste gaita á bel prazer folgando.

MELIBEO.

Não to invejo de certo : mas me espanto;
Pois nestes campos os tumultos reinão
Por toda a parte. Ah! vé como enxotando
Vou para longe afflicto essas cabrinhas;
E apenas esta conduzi-la posso!
Esta que á pouco sobre nua pedra,
Aqui mesmo entre bastas avelleiras
Ah! dois gemeos deixou parida, que erão
Da grei minha esperança! Estas desgraças,
Se eu não fora tão simples, muitas vezes
Pelo raio feridos os carvalhos
Mas predizião. — Tambem a avessa gralha
Do carcomido azinho mo predice.
Mas quem seja este Deos, dize-nos ora?

TYTIRO.

O' caro Melibeo, nescio eu julgava
Ser a cidade, essa que chamão Roma,
Mui semelhante á esta, para onde
Costumamos levar os Ovelheiros
Nossos tenros borregos; e desta arte

Cachorros confundia com rafeiros,
Com cabras cabritinhos; e sohia
Assim emparelhar grande e pequeno:
Mas entre as outras alça a frente Roma
Tanto, quanto entre os vimes o Cypreste.

MELIBEO.

Que grande empenho tinhas de ver Roma?

TYTIRO.

Liberdade, Pastor, que já tardia
Al fim se me voltou, já quando inerte
Me tozava o barbeiro a ruça barba;
Al fim se me voltou, passados annos.
Amaryllis nos tem, já Galatea
Nós há deixado; e devo confessar-te
Que no tempo em que amei á Galatea,
Nunca pude ser forro; e nem cuidado
Já mais eu tive de ajuntar peculio;
Bem que anhos cem do meu redil sahissem,
E para a ingrata Mantua gordos queijos
Espremesse! porem já mais voltava
Co' a maó pezada de miudo cobre.

MELIBEO.

Amaryllis gentil, eu me admirava
De ver que triste os Deoses invocavas;
E para quem os pomos pendurados
Nas arvores deixavas! Sim, auzente
Daqui estava o teu Tytiro! os pinheiros,
As claras fontes, os salgueiros mesmos
Por Tytiro chamavão!

TYTIRO.

Que faria?
Não me era concedido de outro modo
Salir do captiveiro; e daqui fóra
Lá conhecer tam bemfazejos Deoses!
Ali o Joven vi, por quem cada anno
Fumão nossos altares dias doze:
Pois elle foi quem respondeo primeiro
A' meus rogos benigno. — Como d'antes,
Dice, pascei Rapazes, vossas rezes,
E os touros assogai.

MELIBEO.

Ditoso Velho!
Al fim conservas tua patria herdade,
Que assas te basta, inda que nua rocha
Estreita os pastos, e o juncal lodoso.
Ervagem desuzada as prenhes rezes
Não dannará; nem do vizinho gado
Ao teu se apegará ronha e gafeira.
Ditoso Velho! Aqui por entre os rios,
Teus conhecidos, nas sagradas fontes
Sombrio fresco tomarás: na extrema
Do campo a sebe, onde as abelhas chupam
Dos floridos salgueiros mel Hybleo,
Sestear te fará com seu zunido.
O podador dali sob o penhasco
Aos ares mandará ledas cantigas;
Em quanto tambem as roucas pombas,
Teus amores, Pastor, e a triste rolla
Gemer não cessarão la do alto olmo.

TYTIRO.

Primeiro os cervos pastarão nos ares,

E o pego deixará secos na praia
Os peixes; e primeiro confundindo
Antigas raias, desterrado o Partho
No Araris beberá, no Tigris rapido
O Germano, primeiro que do peito
Já mais se risque sua imagem santa.

MELIBEO.

Triste de nós porem, que fugitivos
Iremos habitar na Africa adusta!
Outros a Scythia hirão, outros á Creta
Beber as agoas do ligeiro Oaxes,
E ao Bretão, do orbe inteiro separado.
Ah! se algun dia succeder que volte,
Depois de largo tempo, á pobre choça,
Se meus Reinos eu vir, ah quam pasmado
Ficarei, se enxergar inda húa espiga!
Ora pois, Melibeo, peras encherta,
Poem por ordem bacello! — Foge, oh gado,
Outr'ora tão feliz! Fugi, cabrinhas!
Na enverdecida gruta recostado
Já mais pascer não vós verei de longe

Da rocha o matagal, dependuradas.
Nunca jamais escutareis meu canto!
Nem jamais tozareis, por mim guiadas
Salgueiro amargo, e flórido codeço.

TYTIRO.

Ah fica hoje commigo, e reclinado
Em verdes folhas, nesta noite ao menos
Dá doce sono ao fatigado corpo.
Maduras temos saborosas frutas,
Castanhas molles, requeijão bem fresco:
Pois já de longe á fumegar começão
Das pastoriz habitaçoens os tectos,
E as sombras, que dos altos montes descem,
Sobre nós já maiores vem cahindo.

FIM.

000741